



*Marcos Jorge Dias
Maria Letícia Marques
(Organizadores)*

**Chico Mendes na COP 30
Um Sábio Seringueiro**



EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

Francisco Alves Mendes Filho, o Chico Mendes, foi um homem da floresta por excelência. Simples, pobre, cheio de ternura e de alma limpa. Aos 5 anos de idade, acompanhava o pai, também Francisco, em longas caminhadas pela mata densa. Aos 9, “cortava” seringa e produzia borracha como gente grande. Aos 44, já era um sábio seringueiro, tradutor de mistérios e mitos. Imagine um menino andando na mata entre cipós, tabocas, árvores gigantescas, espinhos e cheiros, muito cheiro e muita cor, e répteis e ruídos não codificados... Só podia ser uma experiência fascinante. Mistura de curiosidade e medo, como o ronco das guaribas nas copas fechadas, lá no alto. Assim ele formou seu imaginário, sua coragem, seu deslumbramento. E, sem nunca ter saído daquelas entranhas, se fez homem, original no andar, no vestir, no falar... para, enfim, plantar ideias de sustentabilidade no Acre, no Brasil e, de certo modo, no mundo.

UM SÁBIO SERINGUEIRO

Angela Maria Feitosa Mendes
Júlio Barbosa de Aquino
(Apresentação)



Abrahim Farhat (Lhé) - Aníbal Diniz
Binho Marques - Cecília Mendes
Chico Mendes - Dom Moacyr Grechi
Elias Rosendo - Elson Martins
Gomercindo Rodrigues
Jacques Pena - João Mendes
José Genoino - Júlia Feitoza Dias
Júlio Barbosa de Aquino - Luiz Ceppi
Luiz Inácio Lula da Silva
Marina Silva - Natália Jung
Osmarino Amâncio Rodrigues
Pedro Wilson Guimarães
Raimundo Mendes de Barros
Sabá Araújo - Sebastião Neto
Tião Viana - Vicentinho

Marcos Jorge Dias
Maria Letícia Marques
(Organização)



SENADO
FEDERAL

Xapuri Editora
Outono 2025

Senado Federal
Mesa
Biênio 2025/2026

Senador Davi Alcolumbre
Presidente

Senador Eduardo Gomes
1º Vice-Presidente

Senador Humberto Costa
2º Vice-Presidente

Senadora Daniella Ribeiro
1ª Secretária

Senador Confúcio Moura
2º Secretário

Senadora Ana Paula Lobato
3ª Secretária

Senador Laércio Oliveira
4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador Chico Rodrigues
Senador Styvenson Valentim

Senador Mecias de Jesus
Senadora Soraya Thronicke

Conselho Editorial

Senador Randolfe Rodrigues
Presidente

Esther Bemerguy de Albuquerque
Vice-Presidente

Conselheiros

Alexandre de Souza
Santini Rodrigues
Ana Cláudia Farranha
Ana Flavia Magalhães Pinto
Ana Maria Veiga
Alcinéa Cavalcante
Bruno Lunardi Gonçalves
Carlos Ricardo Caichiole

Esmeraldina dos Santos
Heloisa Maria Murgel Starling
Ilana Trombka
João Batista Gomes Filho
Marco Américo Lucchesi
Nathalia Henrich
Rafael André Vaz Chervenski
Victorino Coutinho Chermont
de Miranda

CHICO MENDES NA COP 30

01

UM SÁBIO SERINGUEIRO

Angela Maria Feitosa Mendes
Júlio Barbosa de Aquino
(Apresentação)

Abrahim Farhat (Lhé) - Aníbal Diniz
Binho Marques - Cecília Mendes
Chico Mendes - Dom Moacyr Grechi
Elias Rosendo - Elson Martins
Gomercindo Rodrigues
Jacques Pena - João Mendes
José Genoino - Júlia Feitoza Dias
Júlio Barbosa de Aquino - Luiz Ceppi
Luiz Inácio Lula da Silva
Marina Silva - Natália Jung
Osmarino Amâncio Rodrigues
Pedro Wilson Guimarães
Raimundo Mendes de Barros
Sabá Araújo - Sebastião Neto
Tião Viana - Vicentinho

Marcos Jorge Dias
Maria Letícia Marques
(Organização)

PARCERIA



SENADO
FEDERAL

Edições do Senado Federal, vol. 351

Copyright 2025 @ Comitê Chico Mendes

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, em vigor no Brasil desde 2009. Expressões próprias dos povos da floresta e das lutas de resistência foram mantidas na forma em que aparecem nos depoimentos e documentos de referência.

Preparo Editorial - Revista Xapuri: Capa - Leonardo Matoso. **Projeto Gráfico** - Emir Bocchino, Zezé Weiss. **Pesquisa** - Angela Mendes, Arthur Wentz Silva, Eduardo Pereira, Jailanne Maria da Costa de Almeida, Janaina Faustino, Marcos Jorge Dias, Maria Letícia Marques. **Organização** - Marcos Jorge Dias, Maria Letícia Marques. **Revisão** - Arthur Wentz Silva, Janaina Faustino, Marcos Jorge Dias, Maria Letícia Marques. **Edição** - Zezé Weiss. **Diagramação** - Emir Bocchino. **Produção** - Janaina Faustino.

Depoimentos e Textos: Abrahim Farhat (Lhé), Aníbal Diniz, Binho Marques, Cecília Mendes, Chico Mendes, Dom Moacyr Grechi, Elias Rosendo, Elson Martins, Gomercindo Rodrigues, Jacques Pena, João Mendes, José Genoino, Júlia Feitoza Dias, Júlio Barbosa de Aquino, Luiz Ceppi, Luiz Inácio Lula da Silva, Marina Silva, Natália Jung, Osmarino Amâncio Rodrigues, Pedro Wilson Guimarães, Raimundo Mendes de Barros, Sabá Araújo, Sebastião Neto, Tião Viana, Vicentinho. **Imagens:** Acervo Comitê Chico Mendes, Acervo CUT, Agência Acre, Elson Martins, Miranda Smith, PT Nacional, Ricardo Stuckert. **Coordenação:** Comitê Chico Mendes, Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS). **Parcerias:** Fundação Banco do Brasil, Senado Federal.

Um sábio seringueiro / Angela Maria Feitosa Mendes, Júlio Barbosa de Aquino (apresentação) ; Abrahim Farhat (Lhé) ... [et al.] ; Marcos Jorge Dias, Maria Letícia Marques (organização). -- [S. l.] : Xapuri Editora ; Brasília : Senado Federal [impressor], 2025.
110 p. : il. -- (Edições do Senado Federal ; v. 351)
(Chico Mendes na COP 30 ; n. 01)

ISBN: 978-65-5676-669-0

1. Conservação da natureza, Brasil. 2. Ambientalismo. 3. Amazônia, conservação. 4. Mendes, Chico, 1944-1988, homenagem póstuma. I. Farhat, Abrahim. II. Dias, Marcos Jorge, org. III. Marques, Maria Letícia, org. IV. Série.

CDD 333.72

Ficha catalográfica elaborada por Alessandra Marinho da Silva CRB-1 2102

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO COP30

A realização da 30^a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP30), pela primeira vez sediada na Amazônia brasileira — em Belém, no estado do Pará —, representa um marco histórico e uma oportunidade singular para o Brasil reafirmar seu compromisso com a preservação ambiental e com a construção de um futuro sustentável e justo. Em um mundo cada vez mais impactado por eventos extremos como secas prolongadas, inundações, incêndios florestais e o avanço do nível dos oceanos, a conferência desponta como espaço crucial para reverter trajetórias de destruição e reafirmar o compromisso global com a sustentabilidade. Esta cúpula multilateral carrega a responsabilidade de transformar promessas em ações concretas. O que está em jogo não é apenas o futuro das próximas gerações, mas o presente de milhões que já enfrentam os efeitos da degradação ambiental.

É nesse contexto que o Conselho Editorial do Senado Federal lança a Coleção COP30, um conjunto de obras que expressa o esforço do Parlamento em contribuir com o debate climático a partir de múltiplas perspectivas: científica, literária, educativa e política.

Destaco, com especial alegria, que Macapá — a capital do meu amado estado — será subsede desta conferência histórica. Para nós, amapaenses, que vivemos no estado mais preservado do Brasil, trata-se de uma ocasião ímpar para apresentar ao mundo nossas riquezas naturais, nossa cultura vibrante e o valor da

nossa gente. Somos guardiões de parques, de unidades de conservação, de rios que alimentam a terra e o espírito. Somos prova viva de que é possível manter a floresta em pé e, ao mesmo tempo, construir um modelo de desenvolvimento baseado nos frutos da floresta e nas potencialidades do território. Aliás, quem nunca viu o Amazonas não conhece o Brasil em sua inteireza. Ser banhado por esse rio é um privilégio imensurável. A COP30 será também o momento de mostrar nossas urgências. Nossa povo precisa de dignidade, de oportunidades, de justiça social. Preservar a floresta é inadiável; garantir justiça para quem nela vive é igualmente essencial.

A coleção apresenta reflexões sobre a Amazônia em toda a sua complexidade humana, cultural e ambiental. Reúne narrativas que resgatam memórias e vivências das populações tradicionais, análises profundas sobre a realidade socioambiental brasileira e textos voltados à educação e à sensibilização das novas gerações. Essas obras revelam os desafios enfrentados pelo país diante das mudanças climáticas, ao mesmo tempo que apontam caminhos possíveis para uma transição justa, com metas efetivas de redução das emissões de gases de efeito estufa, ampliação do uso de energias renováveis, preservação de ecossistemas e fortalecimento de políticas públicas voltadas à adaptação dos territórios e à proteção das populações mais vulneráveis.

A emergência climática impõe também a mobilização de recursos financeiros para que países em desenvolvimento possam implementar medidas concretas de mitigação e adaptação de forma justa e equitativa.

Como alertou o Papa Francisco, em sua memorável encíclica *Laudato Si'*, “o impacto mais grave das mudanças climáticas recai sobre os mais pobres”. Por isso, qualquer solução ambiental verdadeiramente sustentável deve estar comprometida também com a superação das desigualdades sociais entre pessoas e entre nações.

Nesse sentido, os livros da Coleção COP30 dialogam com as discussões mais atuais sobre financiamento climático e sobre a urgência de mecanismos internacionais mais eficazes e solidários. Ao mesmo tempo, reforçam a centralidade da justiça climática, compreendida como a garantia de que nenhuma comunidade seja deixada para trás, especialmente aquelas que, historicamente, mais contribuíram para a preservação dos ecossistemas: povos indígenas, comunidades ribeirinhas, quilombolas e demais grupos tradicionais.

A COP30 convida o mundo a escutar a floresta e seus guardiões, a considerar o saber ancestral em diálogo com a ciência e a construir pactos justos e eficazes em defesa da vida no planeta. A escolha da Amazônia como sede não é apenas simbólica: representa o reconhecimento da centralidade dos biomas tropicais e da urgência em protegê-los. Afinal, o que acontece na Amazônia repercute em todo o planeta.

Com títulos como *Estudos da Amazônia Contemporânea*, *Cuidando da Nossa Terra, 30 Anos de Floresta*, *Os Balateiros do Maicuru*, *Os Náufragos do Carnapijó*, *O Ouro do Jamanxim e as versões adulta e infantil da Carta da Terra*, a coleção propõe uma visão ampla, plural e engajada do papel do Brasil — e de suas instituições — no enfrentamento da crise climática. In-

clui ainda a *Coletânea Chico Mendes*, com seis volumes dedicados à vida, à luta e ao legado de um dos maiores defensores da floresta e dos povos amazônicos, além da *Coleção Amazonicidades*, que valoriza os saberes locais e a diversidade cultural da região.

Mais que um conjunto de publicações, a Coleção COP30 é uma contribuição concreta do Senado Federal para a construção de uma consciência climática pautada na ciência, na democracia e nos direitos humanos. É a expressão de um compromisso com o futuro — um futuro que precisa ser construído agora, com responsabilidade, coragem e solidariedade.

Senador Randolfe Rodrigues
Presidente do Conselho Editorial do Senado Federal

APRESENTAÇÃO

Em novembro de 2025 o Brasil sediará, na cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará, ou simplesmente Belém do Pará, capital do estado amazônico do Pará, a 30^a Conferência Anual das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP 30).

Ali, às margens do rio Amazonas, os povos das florestas, dos campos e das águas; as comunidades tradicionais dos seis biomas brasileiros – Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal e Pampas; e os povos gerais do mundo buscarão, uma vez mais, encontrar caminhos para, como um dia disse Chico Mendes, “salvar a própria vida no planeta Terra.”

Referendado em legislação federal vigente (Lei 12.892/2013), Chico Mendes é, no Brasil, o Patrono Nacional do Meio Ambiente. Portanto, nada mais justo do que destacar, na COP 30, a memória e o legado do maior ambientalista brasileiro de todos os tempos.

Esta coletânea, “Chico Mendes na COP 30”, contribui com este objetivo. São livros simples, organizados a partir de depoimentos e textos escritos por companheiros e companheiras de Chico Mendes, ao longo do tempo. Que sua leitura possa envolver corações e mentes com a paz planetária um dia sonhada por Chico Mendes.

Angela Maria Feitosa Mendes
Presidenta do Comitê Chico Mendes

Júlio Barbosa de Aquino
Presidente do CNS

CRÉDITOS E REFERÊNCIAS

O título deste livro, “Um Sábio Seringueiro”, foi tomado por empréstimo da introdução que o jornalista Elson Martins fez para a 3^a edição do livro “Vozes da Floresta”, publicado pela editora Xapuri (2024). Exceto por “Menino Véio Buchudo”, de Elson e por Natália Jung, extraído de “Chico Mendes - o Homem da Floresta”, lançado pelo governo do Acre em 2008, os demais textos do Elson estão no próprio “Vozes da Floresta” ou no blog do Jornal Varadouro. Os textos de Gomercindo Rodrigues são excertos do livro “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, publicado pelas editoras UFAC/Xapuri (2015). Os textos de Chico Mendes resultam de depoimento gravado por Lucélia Santos, em maio de 1988. Os outros depoimentos estão nas páginas do “Vozes”, edições 1, 2 e 3. Os conteúdos todos foram organizados por Marcos Jorge Dias, professor, jornalista e escritor, autor dos livros “Face Oculta”, “Poemas Insensatos” e “Estórias do Aquiry e outros mundos”, publicados pela Editora Xapuri; e por Maria Letícia Marques, funcionária pública federal, e redatora voluntária da Revista Xapuri. A produção é da gerente executiva da Xapuri, Janaina Faustino, a capa é do Emir Bocchino, tendo por referência o enxoval de artes do Comitê Chico Mendes, a edição (incluindo alguns títulos) é de Zezé Weiss, organizadora do Livro “Vozes da Floresta”, fundadora e editora da Revista Xapuri. Apresentado por Angela Mendes e Júlio Barbosa de Aquino, o livro “Um Sábio Seringueiro”, preparado por sugestão de Pedro Ivo Batista, da Associação Alternativa Terrazul, faz parte da coletânea “Chico Mendes na COP 30”, produzida com o apoio da Fundação Banco do Brasil, para impressão pelo Senado Federal.



Foto: Miranda Smith

UM SÁBIO SERINGUEIRO

Elson Martins

Francisco Alves Mendes Filho, o Chico Mendes, foi um homem da floresta por excelência. Simples, pobre, cheio de ternura e de alma limpa. Aos 5 anos de idade acompanhava o pai, também Francisco, em longas caminhadas pela mata densa. Aos 9, “cortava” seringa e produzia borracha como gente grande. Aos 44, já era um sábio seringueiro, tradutor de mistérios e mitos.

Imagine um menino andando na mata entre cipós, tabocas, árvores gigantescas, espinhos e cheiros, muito cheiro e muita cor, e répteis e ruídos não codificados... Só podia ser uma experiência fascinante. Mistura de curiosidade e medo, como o ronco das guaribas nas copas fechadas, lá no alto.

Assim ele formou seu imaginário, sua coragem, seu deslumbramento. E, sem nunca ter saído daquelas entranhas, se fez homem, original no andar, no vestir, no falar... para, enfim, plantar ideias de sustentabilidade no Acre, no Brasil e, de certo modo, no mundo.

Acabou por contrariar os interesses daqueles que priorizam a ambição e o saque. No dia 22 de dezembro de 1988 foi morto no quintal de sua casa, na pequena e histórica cidade de Xapuri, pelo peão Darci Alves, filho do fazendeiro Darly Alves, de tocaia, com um tiro de espingarda calibre 12 no peito e caroços de chumbo em cima do coração.

Faz 35 anos que sua morte abalou e empobreceu o mundo. Ele completaria 80 anos de idade em 15 de

dezembro de 2024. Em 1995, a pedido da revista N'ativa, publicada pela Fundação Garibaldi Brasil, da Prefeitura de Rio Branco, escrevi o texto “Muitos Chico Mendes” com a intenção de mostrar que o Acre é diferente por contar com inúmeros Chicos Mendes entre os Povos da Floresta:

“Muitos Chicos continuam invisíveis: Eles estão entranhados nas matas da Amazônia desde 1877, ano da terrível seca que os empurrou do Nordeste para cá. Para conhecê-los, é preciso entranhar-se também. Os seringueiros acreanos e seus semelhantes recebem suas visitas com uma quieta satisfação. Nada de beijos e abraços, ou palavras à toa ou olhares vagos. É chegar e fazer a leitura do amor nos gestos encabulados e na quase vergonha de se mostrar. Os Chicos são irmãos cúmplices da natureza e expressam a mais singela vontade humana de conhecer e se relacionar com o próximo. Eles sabem muito. E querem ensinar e repartir o que sabem, como se dominassem o segredo da vida na sua melhor e maior dimensão.

A casa deles não tem porta. Você entra, come e dorme partilhando a intimidade que expõem, desarmados. E ninguém sai imune dessa relação, humana e completa. Não há como não imitá-los, se quisermos sobreviver à hecatombe de um modelo civilizatório que submeteu o homem ao desamor.”

Fonte: “Vozes da Floresta”, 3^a edição, editora Xapuri, 2024.

GÊNESIS

Elson Martins

Até meados do Século 19, nos mapas antigos, o Acre era chamado de “terras não descobertas”, mas ocupadas por indígenas, bichos e solitários aventureiros. Eram terras bolivianas e peruanas resultantes da partilha entre impérios da Espanha e Portugal.

Segundo o escritor de origem paraense, Abguar Bastos, foram os nordestinos-acreanos que, após a batalha da borracha na segunda metade daquele século, puderam dizer ao mundo: “Eis que demos um destino a esta solidão!”

Sobre esse migrante intrépido do Nordeste brasileiro, Bastos disse numa bela introdução ao livro *A Conquista do Deserto Ocidental*, de Craveiro Costa, que ele “veio de improviso, como uma nuvem de gafanhotos, e andou para adiante, mal-entrouxado, barbado, cabeludo, apressado e praguejante.

O nordestino e o Acre eram dois destinos ainda sem comunicação com a vida: o primeiro à procura de uma terra que o recebesse, o segundo à procura dum povo que a tomasse. Um carregado de filhos. Outro carregado de rios”.

O novo e áspero mundo que aguardava os nordestinos, apesar de desconhecido por dentro, estava desenhado por fora, pelo capital internacional. Fora dividido em seringais para produzir borracha para a Europa vitoriana.

Cada seringal tinha a sua “margem”, junto a um rio, onde se instalava a sede da unidade capitalista; e o “centro”, no coração da floresta, onde ficavam as colocações de seringa perto dos indígenas e no meio dos bichos. Na “margem”, com acesso pelo rio ficava a casa do patrão seringalista, os barracos de agregados e o armazém do aviamento.

Deste eram despachados e seguiam em comboios de burros para o “centro”, mata adentro, os produtos – querosene, sal, charque, carne enlatada, farinha, feijão, fósforo, cartucho, pólvora e chumbo. Seguiam também garrafas de cachaça, xarope Capivarol, brilhantina Glostora e outros supérfluos cobrados a preço de ouro.

Na volta o comboio trazia a borracha, cujo preço avaliado no barracão – com a quebra no peso e erros na balança, ou nas anotações do caixeiro no mata-borrão – escravizava o seringueiro pela dívida impagável.

Entre o homem proprietário da “margem” e o homem explorado do “centro”, a diferença, segundo Abguar Bastos era: “Um suava em meditação, o outro em sangue. Um devia dinheiro, o outro a vida. Um caía e se levantava, o outro, caía e rastejava. Um podia ter dinheiro, o outro devia obrigações. Um sofria reclamando e exigindo, o outro sofria agradecendo e humilhando-se”.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 3^a edição, editora Xapuri, 2024.

GUERRA E TRAIÇÃO

Elson Martins

Nesse tempo de desigualdades sociais e humanas, o capital internacional prosperava com o extrativismo amazônico. Na verdade, com uma única espécie da biodiversidade amazônica: a *Hevea brasiliensis*. E logo descobriu como prosperar mais rapidamente, plantando a espécie na Malásia. Em 1908, a produção asiática acompanhada de ciência e tecnologia já superava a produção brasileira.

Na primeira década do Século 20, o Acre e seus seringais começam a definhar: as “margens” se esvaziam, e as relações entre seringalistas e seringueiros se alteraram. Todos ficam desamparados. A agonia se estende até a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando Estados Unidos e Europa ficam sem o látex controlado pelos asiáticos, parceiros de Hitler.

Os norte-americanos decidem reativar os seringais amazônicos e o Brasil cria a figura do “Soldado da Borracha”. Nova leva de nordestinos é empurrada para a região com promessas e sonhos não realizados.

Em cinco anos terminou a guerra e novamente o capital foi embora, deixando um rastro de lamentações. O que germinou foi uma invisível sociedade, que, nos anos 1970, emergiu sublevada, juntando seringueiros, ribeirinhos, indígenas e posseiros, dali pra frente conhecida como Povos da Floresta.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 3^a edição, editora Xapuri, 2024.

O SAQUE

Elson Martins

Desde o século 16, a Amazônia sofre com o saque de suas riquezas naturais e com a agressão estúpida ao que tem de mais sagrado: sua tradição, sua cultura, os povos da floresta e das águas.

Situado no sudoeste amazônico, com 16,4 milhões de hectares de área, o Acre é filho dessa desventura. Sua história começa com o primeiro ciclo da borracha (1890 a 1912), durante o qual precisou enfrentar uma guerra com a Bolívia (1902) para tornar-se brasileiro.

Na verdade, foi preciso protagonizar quatro insurreições: primeiro o jornalista cearense José Carvalho, escrivão e juiz de paz em Boca do Acre, juntou um grupo de seringueiros e expulsou os militares bolivianos alojados em Puerto Alonso, hoje Porto Acre.

Depois apareceu o aventureiro espanhol Luis Galvez, que criou a República Independente do Acre, rejeitada pelo governo brasileiro; veio então um grupo de poetas do Amazonas que não sabia como disparar um canhão e o perdeu para o exército boliviano; finalmente, o militar gaúcho Plácido de Castro levou a guerra a um desfecho diplomático em 1903.

Os milhares de trabalhadores que migraram da seca do Nordeste para o dilúvio amazônico fizeram do Acre um grande produtor de borracha e um estado que chegou ao terceiro milênio como referência ecológica. Não antes de enfrentar a mais perversa patada histórica: a ditadura militar de 1964, que durou 21

anos e, na década de 1970, quis transformar a floresta em pastos para o boi.

O Acre foi subitamente invadido por migrantes do Sul, Sudeste e Centro-Oeste, que receberam financiamento e incentivos fiscais com os quais compraram, ilicitamente, 5 milhões de hectares de seringais com famílias seringueiras dentro. Cerca de 40 mil pessoas socialmente desarrumadas foram expulsas para as sedes municipais e para a Bolívia, até se decidirem pela organização dos “empates”.

Assim nasceram as Reservas Extrativistas, os Assentamentos Extrativistas, o Partido dos Trabalhadores, o Conselho Nacional dos Seringueiros (hoje Conselho Nacional das Populações Extrativistas), a Aliança dos Povos da Floresta e o Governo da Floresta, com o conceito (melhor dizer sentimento) de acreanidade e florestania.

Dois ícones desse movimento – Wilson Pinheiro e Chico Mendes – tombaram assassinados pelos agressores.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 3^a edição, editora Xapuri, 2024.



FAMÍLIA

Elson Martins

Chico Mendes nasceu no Seringal Porto Rico, em Xapuri (AC), em 15 de dezembro de 1944. Os pais moravam na colocação Bom Futuro, sendo a colocação uma unidade de produção que ocupa, em média, 300 hectares de floresta densa com três “estradas” de seringa (caminho que acessa 150 árvores produtoras do látex).

Na forma de pétala, a “estrada” tem partida e chegada no mesmo ponto: a casa do seringueiro numa pequena clareira aberta na mata fechada. As colocações se ligam à sede do seringal por um caminho mais largo, o varadouro, utilizado pelos comboios de burros que levam as mercadorias (aviamento) para o seringueiro e recolhem a borracha produzida.

O pai de Chico, seu Francisco Mendes, tinha uma das pernas defeituosa, o que lhe dificultava andar. Era um homem mal humorado, mas inteligente e contestador das regras do seringal. Sabia ler e escrever. Já a mãe, Iraci Mendes, de origem portuguesa, era alta, bonita, simpática e generosa.

Casou duas vezes: a primeira, em 1969, com Eunice Feitosa de Meneses, no Seringal Cachoeira, com quem teve duas filhas: Angela Maria e uma outra, Rosangela, que morreu cedo. O casal separou-se em 1971, época em que Chico começou suas andanças, espalhando lições de resistência.

Nessas andanças reencontrou Ilzamar, a quem conheceu menina e havia se tornado uma bela jovem do Seringal Santa Fé, que se tornou mãe de Ele-nira e Sandino, e em cujos braços morreu em 1988.

A família, apesar dos encargos de sindicalista, que o mantinham afastado, era sua grande paixão. Em uma foto com Ilzamar e as crianças, ele deixou transparecer esse sentimento. “Por que não conseguimos ser felizes juntos?” – escreveu no verso, lacônico.

A mãe de Chico engravidou 19 vezes e morreu de parto aos 42 anos. Chico teria 18 irmãos se a maioria tivesse vingado. Mas só sobraram 6 - 4 homens e 2 mulheres - e ele era o segundo mais velho. No mesmo ano em que a mãe faleceu, Chico perdeu uma das irmãs e o irmão Raimundo. Passou a cuidar dos 5 mais novos enquanto o pai, cansado e doente, trabalhava apenas na agricultura de subsistência.

Hoje, seus parentes e amigos têm morada segura no Seringal Cachoeira, desapropriado e ocupado por extrativistas que praticam o manejo comunitário e conceitos de sustentabilidade. O projeto é modelo de manejo comunitário no Acre e na Amazônia.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 3^a edição, editora Xapuri, 2024.





MENINO VÉIO BUCHUDO

Elson Martins
Natália Jung

Pelos seringais afora e mesmo por seus moradores e moradoras que migraram para as cidades, é costume usar a expressão “menino véio buchudo” como referência às crianças, especialmente quando estão brincando e arengando umas com as outras no terreiro, fazendo as costumeiras artes não permitidas pela mãe, que logo descobre e solta um “esse menino véio buchudo tá é bom de peia”.

Sebastião Mendes Teixeira, conhecido por Tião, primo de Chico Mendes, apenas um ano mais novo, conta que, nos tempos de “menino véio buchudo” brincava com Chico e a irmandade toda, que não era pouca 18 do Sebastião e oito do Chico (seriam também 18, se não tivessem morrido a maioria no parto, de acidente na mata ou de malária).

Tião conta sobre a vida das crianças no seringal, numa época em que não havia escolas e a educação era exercida pela família, que instruía seus filhos desde pequenos para o trabalho, com os valores familiares e para a sobrevivência na floresta, com suas técnicas e ciências próprias, apoiando e incentivando a se tornarem responsáveis em seus serviços e pela família ser formada.

Desde pequenas, as meninas ajudam a mãe na cozinha e a cuidar das irmãs e irmãos mais novos. Já os meninos, eles vão para o roçado com o pai e auxiliam nos trabalhos gerais da casa. “Desde os 12 anos já cortam seringa, com 15 pra 16 já pode assumir suas três

estradas de seringa, que é o que um seringueiro corta. Na época minha e do Chico, o trabalho começava na segunda e ia até sábado, sempre cortando seringa. Era sair às 5 da manhã e passar o dia cortando,” conta Tião.

Chico, com 16 anos, já era responsável por suas estradas de seringa, destacando-se como grande seringueiro. Sua responsabilidade aumentou após a morte do seu irmão Raimundo, num acidente com espingarda e em seguida a da sua mãe, durante o parto.

Mas não só de trabalho vivia Chico Mendes e seus amigos seringueiros. Tião conta que no seringal também tinha alegria, alimentada por momentos de descontração, com as noites de sábado reservadas para as festas com forró e bebida, lugar propício para encontrar uma namorada. “O Chico não era namorador, não namorava muito, não, mas desde rapaz novo ele gostava de ter a namoradinha dele,” conta Tião.

Já os domingos era tempo para deixar aflourar o “menino véio buchudo” que, segundo Tião, Chico nunca deixou de lado:

“O lazer principal para o seringueiro no meio da floresta é no dia de domingo brincar com uma bola, jogar um baralho, bater um dominó. A gente também brincava muito, tocando e fazendo música. O Chico batia triângulo, eu batia um pandeiro, aí os vizinhos tocavam sanfona e assim a gente passava o domingo brincando. Futebol? A gente jogava, sim. Mas, rapaz, sobre eu e o Chico, eu não sei dizer quem de nós dois jogava mais ruim”.

Fonte: “Chico Mendes - o Homem da Floresta”, Governo do Acre, 2008.

O JOVEM CHICO

Elson Martins



Foto: Acervo Comitê Chico Mendes

Em março de 2007 encontrei em Brasília José Alves Mendes, o Zuza, irmão mais novo de Chico, com o qual mantive uma longa conversa sobre a vida de sua família. Eu queria saber como era o jovem Chico antes de se tornar o grande líder que se tornou. Zuza se tornara seu companheiro de lutas e, tal qual ele, vivia ameaçado de morte. Zuza falou com emoção da família marcada pela tragédia.

Disse que Chico, aos 16 anos, tornou-se “pai e mãe” de uma escadinha de irmãos menores. A tragédia fustigava a família. O pai, Francisco, aleijado de uma perna, piorou ao cortar um cipó fino, com um terçado afiado, que quase decepou o joelho da perna sã. Desde então suspendeu o trabalho na seringa.

Raimundo, que aos 14 anos era o xodó da mãe e ajudante do pai, queria mesmo era ser seringueiro. Insistiu tanto que o pai pediu ao Chico que abrisse para ele uma “estrada”.

Na véspera de se iniciar na atividade, entretanto, o pai deu a ele outra tarefa: matar um porco para tirar a banha usada como óleo de cozinha, depois levar comida para o grupo de seringueiros que, juntamente com Chico Mendes, se encontrava acampado na mata fazendo a limpeza de outras “estradas”.

Na época, Zuza tinha 7 anos de idade e vivia grudado a Raimundo. Os dois combinaram sair para o primeiro “corte” de madrugada, escondido do pai, a tempo de retornar no meio da manhã, antes da matança do porco.

Assim, deixaram o barraco de mansinho, de madrugada, embrenhando-se na mata. Raimundo se vestiu a caráter: bermuda encarunchada, sapatos de seringa, facão na cintura, poronga na cabeça e uma espingarda calibre 12, carregada, atravessada no ombro.

Lá na frente, os dois encontraram caído no caminho um tronco imenso. Foi preciso que Raimundo arriasse a espingarda para dar a mão ao pequeno Zuza. Com pouca luz e a emoção de se tornar seringueiro, deixou a arma escorregar sobre o tronco.

A arma disparou e atingiu sua cabeça. “Foi horrível!” - lembra Zuza, que se assustou com o tiro repentino, a fumaça e o corpo de Raimundo caindo sobre ele. Quando procurou sair de baixo do irmão, apalpou sua cabeça e só encontrou miolos e sangue. Correu então aos gritos pela mata, e por sorte cruzou com Chico Mendes que se desesperou também.

Sua mãe não suportaria essa dor, pensou. Não suportou. Ao receber o filho morto, ela ajoelhou-se no terreiro da casa, olhou para o céu e suplicou: “Se existe um espírito, um Deus, peço que me leve com meu filho.” Desde então, passou a morrer um pouco a cada dia.

Despedia-se de um e de outro, dava conselhos... impediou que chamassem a parteira de costume para cuidar dela e não deixou cortar a peça de murim para fazer fraldas pro filho que ia nascer. “Vai estragar a fazenda!” Chico chorava ao ver a mãe escolhendo a morte.

Queria levá-la para a cidade, numa rede (não tinha estrada), para atendimento médico... A mãe implorava: “Filho, não se afaste de mim. Preciso lhe dar conselhos antes de partir.” O pai, em pé, encostado na parede do quarto, também chorava aquela e outras dores, e resignado dizia: “Sua mãe vai morrer mesmo, Chico”.

Transtornado, ele seguiu em prantos em busca de ajuda. Quando retornou, dona Iraci já tinha morrido.

Ele a viu inerte, com sua tez branca, os cabelos loiros e cacheados, sem a voz doce e conselheira que repetia, repetia... Era a imagem de uma mãe de seringal que, em situação inesperada, emparelha fragilidade e força, ternura e frieza, escuridão e luz.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 3^a edição, editora Xapuri, 2024.

DE DOR EM DOR APRENDEU A LER, PENSAR E AGIR

Elson Martins

Assim, de dor em dor, Chico aprendeu a ler, pensar e agir. Não somente para criar os irmãos, mas também liderar os empates, defender a floresta, criar as Reservas Extrativistas, garantir a permanência dos seringueiros em suas colocações. Na época, Chico ainda andava sem rumo.

Completou sua formação educacional frequentando o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) e por iniciativa própria procurou organizar um grupo para discutir a criação de cooperativas para conquistar a autonomia dos seringueiros. Também se interessou pelas CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), da igreja de D. Moacyr Grechi, através das quais conquistaria mais aliados.

Em 1955 a família mudou-se para o Seringal Equador, colocação Pote Seco, próximo ao Seringal Cachoeira, ainda em Xapuri. Lá, aos 19 anos, Chico conheceu Euclides Fernandes Távora, a pessoa que o ensinou a ler e pensar sobre injustiças sociais.

Euclides era um tenente do Exército Brasileiro que tinha participado da Intentona Comunista organizada por Luiz Carlos Prestes, em 1935. Com a derrota de Prestes, foi preso juntamente com outros participantes na Ilha de Fernando Noronha, de onde escapou com a ajuda do influente militar Juarez Távora, seu tio, um dos generais da ditadura de 1964.

Após a fuga, viveu no Pará, depois se exilou na Bolívia, onde participou de levantes armados com os mineiros bolivianos. Temendo ser preso novamente, atravessou a fronteira para o Acre. Em 1961 visitou a colocação do pai de Chico Mendes, distante 3 horas de caminhada da sua, interessando-se pela vida do jovem seringueiro.

Chico passou a visitá-lo nos fins de semana para ouvir rádio (à pilha) e conhecer jornais velhos, com o novo amigo, que o ensinou a ver como acontecia a exploração do homem pelo homem nos seringais do Acre.

Em 1965 Euclides adoeceu, viajou em busca de tratamento e Chico nunca mais o viu. Uma década depois, o Acre entrou em rebuliço, causando a desarrumação completa dos seringais, com os seringueiros, analfabetos e desamparados, sendo pressionados a abandonar suas colocações e a se tornar estatísticas de fome nas periferias urbanas.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 3^a edição, editora Xapuri, 2024.



EUCLIDES FERNANDES TÁVORA

Chico Mendes

Aqui, o patrão não deixava o filho do seringueiro ir pra escola. Era radicalmente proibido escola em seringais. Eu, por exemplo, comecei com 9 anos, engatinhando, aprendendo a andar na mata para cortar seringa e ajudar meu pai, porque tinha que contribuir para o aumento de produção do patrão.

Se eu fosse pra escola, se fosse criada uma escola, o que aconteceria? A produção ia diminuir, porque os filhos dos seringueiros iam ter que ir pra escola, iam perder tempo, então o patrão não deixava. O que acontece? 99% dos seringueiros, dos filhos dos seringueiros, eram todos analfabetos.

A história do meu estudo parece até subversão. Nessa época nós [éramos] muitos jovens juntos e não sabíamos de nada. Tive sorte, meu pai sabia um pouquinho, o ABC.

[Mas] a minha sorte mesmo foi que, no seringal que a gente trabalhava, na região que eu morava naquela época - que estava a uns 5 ou 6 quilômetros da fronteira com a Bolívia - descobri um exilado político, um companheiro de [Luiz Carlos] Prestes, que foi da Intentona [Comunista] de 35.

Ele foi preso na ilha de Fernando de Noronha. Conseguiu fugir, veio para o Pará, fugiu de Belém, num navio, de calção, foi pra Bolívia, envolveu-se nos movimentos de resistência dos operários bolivianos, [em um] tempo de repressão na Bolívia.

Ele não teve como escapulir: ficou encurrulado e preferiu a opção pela mata, pela floresta. Ele tinha um

barraco a aproximadamente 7 quilômetros da fronteira com a Bolívia. Um dia, uma tarde, quando a gente chegava do mato, esse companheiro chegou na nossa casa. A gente estava defumando.

Ele se agradou de mim, fez um pacto com meu pai para, nos finais de semana, eu caminhar 3 horas de pés numa “varação”, na selva, para chegar no barraco dele, que ele se interessava em me ensinar a ler.

Minhas aulas foram feitas através de recortes de jornais que eu não sei como é que ele recebia. Ele também tinha um rádio e parte das minhas aulas, era o seguinte: uma noite, se ouvia os comentários em português da Voz da América, eu não tinha conhecimento com os noticiários internacionais até essa época. Não entendia, igual aos outros meus companheiros, eu também não entendia.

Aí ele começou a me explicar aquela ideia. Ele começava a dizer o que significava aquela ideologia dos americanos e tal. No outro dia, ele me fazia ouvir os comentários da BBC de Londres.

Minhas aulas eram essas, com o rádio. No outro dia, ele ouvia o comentário da Rádio Central de Moscou. Era na época de 64, tempo do golpe militar [e a Rádio Central de Moscou] dizia o seguinte:

“Olha, tantas lideranças sindicais no Brasil estão sendo torturadas. Enviamos a nossa solidariedade internacional aos patriotas brasileiros, que estão sendo torturados, vítimas da repressão, da Ditadura Militar que foi articulada pela CIA.”

Era assim que ele me ensinava. A Voz da América dizia: “A Revolução Democrática e Popular no Brasil, o perigo do Comunismo”. Aí ele tirava uma noite pra me explicar a situação, a posição desse aqui, a posição desse outro.

Nessa época eu tinha 19, quase 20 anos. Mas a gente começou em 62, 63. A BBC de Londres fazia um paralelo: ela dava a notícia de um lado e do outro. Então ele dizia: “Ó, a BBC de Londres é uma rádio mais ampla, ela não defende a ideologia dos ingleses, do governo, ela divulga o que acontece no mundo.”

Ele me orientava a ficar mais sintonizado com a BBC. Este homem me explicou que durante aquele período que a gente tava enfrentando, o que estava acontecendo, apesar de estarmos isolados. “Mas quem sabe, Chico - daqui a cinco, dez, oito anos - o movimento de resistência dos trabalhadores vai começar a surgir. Vão criar novos sindicatos, a ditadura vai ter que aceitar,” [ele dizia].

“Agora, tudo isso vai ser controlado pela ideologia militar. Todos esses sindicatos vão ter intervenção,” e foi o que houve, mesmo. “Agora é o seguinte: você não pode deixar de entrar nesse sindicato. Vai chegar: mais hoje, mais amanhã. Chegará o sindicato para os seringueiros e você entra.”

E continuava: “Você não pode deixar de entrar no sindicato porque é lá que você vai montar suas raízes. É isso que vai te enraizar. Te garanto que, um dia, se eles não te matarem, você vai conseguir ser uma grande força para os seus companheiros.” Fiquei com aquilo na cabeça: Será que isso vai acontecer? O nome dele era Euclides Fernandes Távora.

Fonte: Depoimento gravado por Lucélia Santos, maio de 1988.

DE MENINO, ENFEZADINHO DE ADULTO, UMA PESSOA CALMA

Cecília Mendes

O pai do Chico era irmão legítimo do meu esposo. Ele me considerava muito. Eu também considerava muito ele. Ele era tudo pra mim. Tive 15 filhos, mas um morreu. Então tenho 14 filhos vivos, e só três na cidade. O resto está tudo por aqui. Já perdi a conta dos netos. Mas no meio desse mundo de gente quem me faz mais falta mesmo é o Chico.

Me lembro dele pequeno, o Chico era um menino enfezadinho quando pequeno, mas depois que ele cresceu, ficou tão calmo, tão bom. Ele era uma pessoa muito tranquila. Se por acaso ele chegasse e as pessoas estivessem nervosas, ele acalmava todo mundo e dizia assim: “Não, assim a gente não resolve problema. Vem cá, vamos acalmar, vamos conversar.”

Ele era uma pessoa que acalmava as outras. Ele chegava assim, no meio de uma reunião, e logo estava coordenando tudo. Era um dom natural que ele tinha. Às vezes eu fico pensando que se não tivessem matado ele, ia morrer muita gente porque, antes de matarem ele, era violência todo dia. Agora, da morte dele pra cá, tudo se acalmou.

Eles com certeza pensavam que matando o Chico tudo ficaria na mesma, mas não foi isso que aconteceu. Esse seringal ficou um lugar abençoado. De lá pra cá, nunca aconteceu uma briga, nunca mataram ninguém. E nem o povo daqui briga, ninguém faz confusão por aqui, porque sabe da luta de Chico. Aqui só tem escola por causa dele. Antes era só palhoça.

A primeira escola aqui no seringal foi construída por ele. Ele aprendeu muito e sabia muito, mas não porque frequentou escola, mas porque era muito curioso e ficava perguntando pra todo mundo sobre as coisas.

Quando foi pra ele trazer a escola pra cá, ele dizia pra mim: “Tia, eu aprendi um pouco, mas não tenho fé no meu estudo porque pra mim nunca teve prova, nunca sei se o que aprendi é assim mesmo.” O Chico nunca sentou num banco de escola e ele achava que não podia ser assim com os filhos dele.



Foto: Acervo Comitê Chico Mendes

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1^a edição, editora Xapuri, 2008.

MEDO DE ONÇA

Gomercindo Rodrigues



Foto: Divulgação

Por muitos anos andei milhares de quilômetros por dentro da floresta, indo de um seringal para outro e, confesso, nunca vi uma onça. O máximo que senti da presença de onças por onde andei foram seus esturros e as marcas de suas pegadas.

Certa vez, passei por um lugar onde havia passado recentemente uma onça de considerável tamanho, pois sua pegada era maior do que a metade do meu pé, e eu calço 39, forma larga. Mas foi só.

Nas conversas que tive com Chico, ele me disse muitas vezes que, no início de seu trabalho de corte de seringa (por volta dos 9 anos), seu maior medo era, efectivamente, de onça. Andava pelas estradas de seringa sempre aos sobressaltos.

Para que ele se sentisse mais seguro, seu pai tentou ensiná-lo a atirar, mas, quando adolescente, ele não conseguia aprender, pois tinha dificuldade de fazer mira, fechando os dois olhos.

Sua companhia predileta, segundo me disse, nesse período, era um cachorro que, às vezes era muito mais prejudicial, pois, ao farejar onça entrava em desespero, o que fazia com que os dois corressem em pânico.

Aos 15 anos, depois de ter aprendido a atirar e já conhecendo praticamente todos os segredos da floresta, o Chico não só comandava o corte da seringa, como ia caçar, para obter carne para a alimentação, inclusive à noite, nas “esperas”, muitas vezes depois de um longo dia estafante de trabalho, como relatado pelo Miguel Mendes, seu primo.

Quando deixou de temer mais as onças, Chico Mendes passou a ter receio das divindades da floresta, como o caboclinho da mata e a mãe da seringueira. Sempre que perguntávamos se realmente acreditava em tais divindades, mesmo depois de ser tornar um seringueiro famoso, o Chico respondia de uma forma dúvida, com um meio sorriso, dizendo apenas: “Eu sou seringueiro...”

Fonte: “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, editoras UFAC/Xapuri, 2015.

CAUSOS, BILHETES E ESCOLAS

Raimundo Mendes de Barros

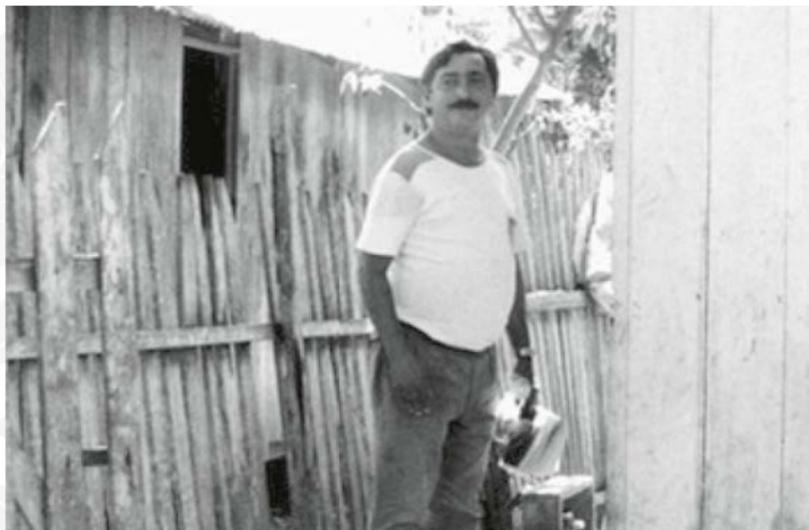


Foto: Miranda Smith

Meu primo, companheiro e amigo Chico Mendes era um grande contador de causos. Ele conseguia prender a atenção de todos sem que ninguém duvidasse do ocorrido. Esse dom ele herdou do pai, um cearense famoso na arte da contação de causos que davam enorme medo nas crianças.

Inclusive o Chico quando era moleque, já com seus 8 anos, mijou muito na rede, à noite, com medo de descer por conta dos causos que o pai contava. O Chico era um bom amigo e um grande conselheiro. Era um pacificador dos conflitos diários.

No tempo da invasão dos “paulistas,” tivemos uma grande luta pra fazer com que nossos companheiros permanecessem ainda nos seringais, e para os que já tinham saído para a cidade, pudessem retornar ao seu seringal, mesmo com a dificuldade de transportar seus pertences. Era importante que os companheiros retornassem e houve muito retorno.

Foi um tempo de grandes dificuldades. A gente não podia usar rádio para transmitir informações aos companheiros, porque a rádio era controlada pelas autoridades. Nossa luta era vista com maus olhos, como uma desobediência, uma indisciplina ao sistema da ditadura.

O jeito era o uso do bilhete, mas como nem todo mundo sabia ler, às vezes a comunicação não acontecia. Mesmo assim, fomos conquistando nossos espaços, e aqui me refiro à educação. Nós tivemos a lembrança, dentro de toda essa turbulência, de que, para facilitar nosso trabalho, era fundamental que a gente conseguisse um meio de ensinar o pessoal a ler e a escrever.

Isso facilitaria a leitura de um bilhete, fazer um bilhete aos outros companheiros e ler alguma coisa importante. E o Chico, com a habilidade que ele tinha, contatou outras pessoas e, com o apoio da companheira Mary Allegretti, que é uma grande aliada nessa nossa luta, e então começamos as primeiras escolas nos seringais.

Sem nunca ter ido à escola, foi por meio de Chico que aprendi muita coisa dessa luta. O Chico era um seringueiro informado e curioso. Com ele, conheci outras realidades, não de vista própria, mas pelos meios de comunicação. Soube do que acontecia em Cuba,

na União Soviética, na Nicarágua, em El Salvador. O Chico discutia tudo isso com a companheirada. O que acontecia por lá nos motivava a partir pra luta em defesa da nossa causa.

Mesmo eu nunca tendo ido a uma sala de aula, com o pouco que eu tinha aprendido do meu pai, eu confesso que fui professor daqueles que não sabiam nada. Meu pai era um homem que tinha um saberzinho, me ensinou um pouquinho e depois, lendo e fazendo o esforço de escrever, eu fui aprendendo mais coisas.

E então, lá no Seringal Floresta, na colocação Rio Branco, onde vivo até hoje, eu me tornei professor junto com a Rosa e com a inesquecível Benedita, que Deus já tirou. Foi uma trajetória de muita luta e de bastante construção, mas felizmente hoje temos as nossas escolas da floresta por quase todos os cantos do Acre.

Ao longo dessa luta, os seringueiros que viviam isolados no meio da floresta, tornaram-se cidadãos e cidadãs com os mesmos direitos de quem está na cidade.

Essa é uma grande conquista que, infelizmente, o Chico não está aqui para celebrar com a gente, devido à残酷 e à covardia daqueles assassinos que sempre tiveram nome, vaidade e mordomia às custas da exploração dos Povos da Floresta.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1^a edição, editora Xapuri, 2008.

UM HÁBIL LEITOR DE FOLHETOS

Gomercindo Rodrigues

Os amigos mais próximos de Chico Mendes, entre eles o Raimundo Monteiro e os primos Sebastião e Miguel Mendes, contam que ele era muito requisitado para ler folhetos, na verdade livros de literatura de cordel.

Todos são unâimes em afirmar que ele lia as estórias muito bem, ficando um grupo de pessoas em volta, absolutamente compenetradass, rindo e acompanhando eletrizadas a leitura que o Chico Mendes fazia. “Ele pedia para ler os folhetos e a gente pagava para que ele lesse, tinha sempre um perfeito entrosamento entre quem ouvia e o Chico, que lia,” conta Raimundo Monteiro.

Foram, talvez, os primeiros exercícios de Chico Mendes para falar em público, o qual he facilitaria, depois, dirigir as assembleias e as reuniões de trabalhadores e trabalhadoras rurais, sua participação como vereador na Câmara Municipal de Xapuri, e fazer palestras, com desenvoltura, no Brasil e no exterior.

Dona Cecília Mendes, tia de Chico, disse que certa vez, passando por sua casa, depois de ter passado pela casa dos Monteiro, onde Chico Mendes estava lendo uns folhetos, o pai do Chico disse que tinha um filho que, se tivesse estudo, seria um doutor, porque lia sem tropeço e fazia as pessoas ficarem ouvindo as leituras que eram muito bonitas.

Fonte: “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, editoras UFAC/Xapuri, 2015.

UM CAMARADA REVOLUCIONÁRIO

Osmarino Amâncio Rodrigues

Estou lá na minha colocação, no meu lugar de sempre, na Reserva Extrativista Chico Mendes. Vivo praticamente da castanha, porque o preço não compensa pra cortar seringa. Meu conhecimento com o Chico Mendes veio através do Raimundo Barros, que trabalhava matando mosquitos para a SUCAM (Superintendência de Campanhas de Saúde Pública).

A gente começou a se encontrar nos forrós e nos jogos de futebol dentro da floresta. Depois é que veio o tempo da luta. Nossa discussão política se deu a partir de 1973, por meio das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base). Começamos a ser surpreendidos pela expulsão de seringueiros de suas colocações, pelo desmatamento em Rondônia e no Acre, para a implantação da pecuária extensiva, com subsídios do Governo Federal.

Um pouco antes disso, ainda no final da década de 1960, tive minha primeira conversa política com o Chico. Nesse tempo, nos nossos seringais ainda existia uma escravidão branca. Para cada 100 quilos de borracha, o seringueiro entregava vinte como tara para o dono do seringal. Depois vimos que quanto mais aceitava essas regras, mais dominado a gente era.

E foram o Wilson Pinheiro e o Chico Mendes que começaram essa discussão. Nossas conquistas vieram junto a nossa própria luta, onde as lideranças tinham suas cabeças postas a prêmio para morrer, com preços publicados nos jornais de Rio Branco.

O Chico tinha um amigo comunista que depois ficou sendo o meu guru. Era o Raimundo Rocha: um cara muito inteligente, muito informado e muito comunicativo. Ele vinha da Guerrilha do Araguaia e era um grande poeta de cordel. Os municípios iam surgindo e ele já ia fazendo os hinos. Quando o socialismo não chegou, ele entrou numa depressão e virou alcoólatra.

Em dezembro de 1975 foi fundado o STR (Sindicato dos Trabalhadores Rurais) de Brasiléia. O Chico foi o 1º Secretário. O 1º Presidente foi o Elias Rosendo. Seis meses depois ele saiu e entrou o Wilson Pinheiro.

O primeiro empate [organizado pelo Sindicato] foi em março de 1976. Essa palavra empate foi muito importante na época, porque no esporte quer dizer que ninguém perde e ninguém ganha. Mas aqui empatar significava vitória, era manter a floresta em pé.

Nossa toada aqui era assim: o Wilson Pinheiro convocando assembleia, o Chico no pé de ouvido, contando causos. Para um ou para 500, ele falava do mesmo jeito. Tinha aquela coisa do Trotsky de falar igual com analfabeto e com intelectual.

O Chico era um revolucionário que discutia o socialismo, a reforma agrária. Ele dizia: Companheiros, nós temos que ter esperança porque lá em São Paulo os operários estão fazendo greve por melhores ganhos. Estão até fazendo a discussão da divisão de lucro.”

O Chico fazia analfabeto ler jornal. Ele falava de assunto difícil de um jeito que qualquer seringueiro entendia. O seringueiro doido por uma ramal [estrada], e o Chico ali falando que estava certo, que ramal era coisa importante, mas que esse ramal grande chamado BR ia expulsar o seringueiro do seringal.

A morte do Wilson Pinheiro foi uma triste situação. A gente dizia que se matasse um de cá, dez de lá iam tombar, mas não foi assim que aconteceu. A UDR (União Democrática Ruralista) tomou o Sindicato por dois anos. Eu mesmo rasguei muita ficha de fazendeiro, de jagunço e de polícia depois que a gente retomou o Sindicato.

O jeito de resistir foi o Chico sair pra Xapuri, e eu, para Assis Brasil. Saímos fundando novos sindicatos e fomos generalizando a luta. O grande avanço que vejo é que o Movimento resolveu o problema fundiário e abrimos portas para os nossos produtos. Hoje a castanha está chegando ao mercado orgânico.

Temos educação no Seringal, não do jeito que a gente quer - porque a escola não organiza a luta - mas ainda assim é uma escola.

Para nós, a década de 1980 foi um tempo de dor e de conquistas: criamos o Conselho Nacional dos Seringueiros, as Reservas Extrativistas e, com os indígenas, a Aliança dos Povos da Floresta.

A gente preferia não ter nada disso e ter o Chico Vivo. Mas a morte dele não foi em vão, como ele imaginou. Depois dela acabou a tragédia das mortes anunciamadas. Acho que a Rainha da Floresta exigiu esse sacrifício do Chico para salvar nossas vidas.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1^a edição, editora Xapuri, 2008.

CARINHOSO COM AS FILHAS E COM O FILHO

Gomercindo Rodrigues

Uma coisa gostosa de lembrar era a forma carinhosa como Chico Mendes tratava seus filhos e como ficava com eles toda vez que retornava das viagens ou sempre que podia. São inúmeras as fotos em que ele aparece com Elenira e Sandino.

Em 1988, ele estava pensando em levar, no ano seguinte, a Angela, filha do primeiro casamento e que estava se formando em contabilidade em Rio Branco, para trabalhar no Sindicato de Xapuri, com ele.

Acho que foi esse amor aos filhos que fez com que ele, ao ser atingido pelo disparo mortal, tentou andar até o quarto da Elenira e do Sandino. Não sei no que ele pensou naquele momento, quando gritou apenas “os caras me acertaram,!“ mas acho que ele pensou nos seus filhos. Aliás, falando nas filhas e no filho, ao escolher os nomes das crianças, à primeira filha com Ilzamar ele deu o nome de Elenira, uma guerrilheira que morreu lutando na Guerrilha do Araguaia. E ao filho, Sandino, ele deu o nome do revolucionário Centro-Americano Augusto César Sandino.

No caso da Angela, quando ela nasceu, o Chico ainda não era um militante político acabado, com maiores informações, talvez por isso não tenha colocado nela um nome de revolucionária, como colocou nos outros, mas tinha por ela grande carinho.

Fonte: "Caminhando na Floresta com Chico Mendes", editoras UFAC/Xapuri, 2015.

ATAQUE À FLORESTA

Chico Mendes

Essa luta da gente é uma história meio assim, meio comprida. Começou a partir de todo o movimento dos empates pela defesa da floresta, principalmente em 1976. Em 76, a gente tava no auge, no momento mais acirrado, no momento mais difícil, no momento mais de desespero que já ocorreu aqui nesse Acre.

Na época que os fazendeiros começaram a chegar, a partir de 70, começa então a expulsão em massa dos seringueiros. Os seringueiros foram expulsos, [viram] seus barracos queimados, suas casas queimadas, de repente os jagunços cercavam, tocavam fogo nos barracos.

No Seringal Albrácia, em 72, tinha nove pistoleiros. O seringal foi comprado por um paulista por nome Vilabela, ele trouxe nove pistoleiros, expulsaram todos os seringueiros dessa região. Eles conseguiram destruir a floresta, tirar o seringueiro, tirar a seringueira, a castanheira, as riquezas que existem lá dentro em troca do boi, [de] colocar o boi lá dentro.

Ou seja, fazer a substituição do homem na floresta pelo boi. A Bordon, nesse momento, compra uma grande área no rio Xapuri. A Bordon expulsou em massa e tocou fogo em barraco de seringueiro, matou mulher de seringueiro, queimada.

Os outros fazendeiros também reagiram [da mesma forma] e toda a região de Xapuri foi bombardeada. Mais de 70%, naquele momento, dos seringueiros, em desespero são expulsos dessa região aqui e se mandam

pra Bolívia e outros pra Rio Branco, pra periferia da cidade, lá. É um momento de grande desespero.

Em 1976, eu assumo a diretoria do Sindicato em Brasiléia, no Acre. Começa a primeira implantação do Sindicato, lá. Em 76, nós sentamos e pensamos: como é que vamos barrar esse processo de desmatamento?

Apelamos pra Justiça, pro advogado, porque o Estatuto da Terra dá o direito ao posseiro lá na sua colacação, o posseiro não poderia ser expulso. Mas isso, naquele momento, [não valia], prevalecia a força e o dinheiro. A força policial já vinha em cima do dinheiro do latifúndio.

Naquele período, de 70 a 76, eles compraram aqui nessa região, seis milhões de hectares de terras, não tiraram um tostão [do bolso], não venderam um boi no sul pra comprar essas terras... A Bordon e outros fazendeiros que vieram do sul do País. Essas terras foram compradas todas com o apoio dos incentivos fiscais da Sudam (Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia).

O governo abriu as pernas pra esses latifundiários e, nesses seis anos, nessa nossa região, foram destruídas 180 mil árvores de seringueira, 80 mil castanheiras, e, entre madeira de lei e cedro, o abio, o cumaru-de cheiro, o cumaru-ferro, o amarelão, foram destruídas mais de 1 milhão e duzentas mil árvores, fora as árvores médias que [estavam] crescendo.

Fonte: Depoimento gravado por Lucélia Santos, maio 1988.

EMPATES E SINDICATOS

Elson Martins



Foto: Élson Martins

Em meados da década de 1970, com a chegada dos “paulistas”, o Acre entrou em rebuliço, causando a desarrumação completa dos seringais, com os seringueiros, analfabetos e desamparados, sendo pressionados a abandonar suas colocações e a se tornar estatísticas de fome nas periferias urbanas.

As famílias viviam aterrorizadas. Recebiam visitas de capatazes, jagunços, advogados e policiais (civis e militares), que exibiam documentos falsos da compra dos seringais e estabeleciam prazos para que saíssem das terras.

Ao mesmo tempo, queimavam barracos, destruíam roçados e fechavam caminhos na floresta com a derru-

bada de árvores. Os policiais prendiam seringueiros e posseiros e os torturavam nas delegacias.

Em alguns casos, os obrigavam a assinar acordos com os fazendeiros, tendo uma arma apontada para sua cabeça. Aflito, Chico Mendes percorria os seringais tentando organizar uma resistência.

Em 1975, Chico soube que uma comissão da Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura) estava promovendo um curso de lideranças sindicais em Brasiléia, na fronteira com a Bolívia, e foi pra lá. Fez o curso e participou da criação do Sindicato dos Trabalhadores no município.

No dia 21 de dezembro, na hora da fundação do Sindicato de Brasiléia, ele estava tão eufórico que levantou suspeitas do delegado da Contag, que pensou tratar-se de um olheiro dos pecuaristas. A suspeita era infundada, Chico chamava atenção porque ajudava a maioria que não sabia escrever a preencher a ficha de filiação.

Acabou sendo eleito secretário-geral, compondo a diretoria com Elias Rosendo e Wilson Pinheiro. Para ele, a prioridade, como lhe ensinou Euclides, era alfabetizar e conscientizar os seringueiros e posseiros para que lutassesem contra a exploração e a expulsão das terras.

E a Contag passou a ser uma grande aliada, colocando à disposição da classe um bom advogado, o cearense Pedro Marques, que apresentou o Estatuto da Terra e o Código Civil como instrumentos jurídicos de defesa dos direitos dos trabalhadores rurais.

Fonte: "Vozes da Floresta", 1^a edição, editora Xapuri, 2008.

A VIDA EM UM CORDEL

Elias Rosendo

Em 2008 escrevi um cordel sobre a vida inteira do Chico Mendes, que vai desde o dia em que ele nasceu até o dia em que ele foi morto no escuro da noite, no quintal da casa dele, lá em Xapuri.

Conto de quando fundamos o STR de Brasiléia, eu sendo eleito presidente do primeiro sindicato de trabalhadores criado naquela região, e o Chico sendo eleito para ser meu secretário.

Lá, a primeira coisa que o Chico pediu para comprar foi uma máquina de bater letras, mesmo nenhum de nós dois sabendo usar. Comprei, mas logo desisti de aprender. O Chico, não.

O Chico insistiu com as teclas até aprender a escrever naquela máquina de datilografia. Depois, um tempo mais tarde, ele passou por lá, disse que era coisa de estimação e trouxe essa máquina pra Xapuri. Hoje, eu não sei onde ela está.

O Chico eu conheci desde pequeno, coitadinho. Com oito pra nove anos, o menino já estava cortando seringa com o pai dele e os irmãos dele, depois que a mãe morreu. Ele querendo ir pra Xapuri estudar, e o pai sem condição de deixar.

Depois apareceu uma pessoa que ensinou ele a escrever, a fazer as contas e a pensar na política. Eu e ele no Sindicato de Brasiléia, junto com o Wilson Pinheiro, vimos aparecer as primeiras ameaças, os primeiros despejos, as primeiras violências contra os trabalhadores.

Nessa época, eu fiquei sabendo dos maus tratos que um capitão do Exército, que era médico e tomava conta do Hospital de Brasiléia, estava fazendo contra os trabalhadores.

Revoltado, dei queixa do capitão na polícia e, como todos eram farinha do mesmo saco, em vez de mudar o tratamento do povo na doença, o capitão mandou me avisar que eu estava marcado, que ele ia me pegar e que a polícia faria esse favor a ele.

Eu, que não tinha o arrojo do Wilson Pinheiro, caí fora. Passava pelo Sindicato, mas era correndo. A maior parte do tempo eu andava era sumido, no mato. O pessoal falava que eu não aparecia porque era farrista, mas o que aconteceu comigo foi medo mesmo.

Wilson Pinheiro, que era um cara valente e corajoso, acabou assumindo como presidente do Sindicato no meu lugar. Achei justo, porque ele era um cara de acossar, e eu não dava para aquilo.

Ele andava depressa, eu ia mais devagar. Eu dizia pro Wilson Pinheiro: manera, amigo, anda com o passo mais lento. Do jeito que tu tá indo, os cabras vão te pegar. Ele continuava convocando assembleias, organizando empates, marcando posição no conflito.

O Wilson era uma pessoa muito boa, muito bacana. Comprou dois caminhões e andava pelos seringais com esses caminhões “aviando” as precisões dos companheiros. Antes do assassinato, os jagunços fizeram pressão e queimaram os caminhões dele.

O Chico ficou ameaçado e, para sobreviver, acabou se mudando pra Xapuri. Chegando em Xapuri, (nessa época ele já era um cara muito querido), acabou sendo eleito vereador pelo MDB. Mas ele não gostava do MDB.

Ele queria mesmo era seguir o Lula e fazer o PT. Em 1980, foi pra São Paulo e lá eles fundaram o Partido dos Trabalhadores. Depois disso, Chico voltou ao Acre para fazer o PT. Chico Mendes chegou dizendo que era para todo mundo somar força no PT, e nós nos juntamos a ele. É por isso que me afeiçoo tanto ao PT. Estou nesse partido e dele não saio mais.

Esse foi o partido que entrei ao lado de Chico Mendes e é nele que vou morrer. O PT nós começamos desde o começo dos anos 1980, mas a primeira eleição com candidato do PT só aconteceu em 82.

Fui candidato a vice-governador na chapa do Nilson Mourão para governador. O Chico Mendes saiu candidato a deputado estadual. A gente não teve quase nada de voto, porque não tínhamos dinheiro para campanha e o partido ainda era pequeno.

Chico morreu com esse ideal de defender a floresta. Ele era um cara que não tinha medo de fazer empate na mata, mas ele achava também que tinha que sair do Acre para levar as nossas propostas.

Ele juntou um monte de seringueiros e foi pra Brasília defender as Reservas Extrativistas, que só se realizaram depois da morte dele. Quando ele via uma motosserra, ficava doido de tristeza.

Ele falava: “Que pena que tenho dessa floresta. Que dó eu tenho do seringueiro que vai ser expulso, que não vai mais ter seringa pra cortar, nem castanha pra colher.” Ele era muito humano. O amor que tinha pela floresta também era o amor que ele tinha pelo seringueiro.

Fonte: "Vozes da Floresta", 1^a edição, editora Xapuri, 2008.

“ELAS NÃO GOSTARAM DE TI, NÃO”

Abrahim Farhat, Lhé

O Chico gostava muito de festa, mas era tímido pra dançar. Não sei se ele era realmente tímido ou se evitava dançar para não se envolver com as mulheres, ou se era em respeito aos valores locais. O fato é que a gente ia a muita festa juntos e ele sempre dançava pouco. Em 82 a gente foi a um adjunto (mutirão) numa colocação que fica a 21 km de Xapuri, lá perto da colocação do Raimundo Barros.

Nessa época a gente andava a pé mesmo, ou por falta de grana ou por falta de estrada. Eu disse: Chico, você sabe, sou urbanoide. Não dou conta de andar no mato com essa pressa toda. Resultado: em vez de fazer um percurso nas 7 horas que ele fazia até chegar à colocação da Mariazinha e do Raimundão, a gente fez em um total de 11 horas. Quando chegamos, a casa já estava cheia. A gente dormiu em uns bancos e foi um dos melhores sonhos da minha vida. Depois de caminhar um dia inteiro, qualquer banco de paxiúba parece um colchão sono-leve.

No outro dia fomos para um adjunto numa colocação que ficava a uma hora caminhando dentro da mata. Ali eu vi a beleza do PT. Passamos o dia no adjunto, cerca de 50 a 80 seringueiros, entre mulheres e homens, brocando o roçado para plantar o arroz e o feijão que, quando colhidos, seriam doados para a campanha do PT. Ao entardecer paramos, tomamos banho numa vertente de uma água muito fria e fizemos uma reunião político-partidária.

Depois da reunião, começou o forró. Cada trabalhador trouxe uma caça - paca, tatu, capivara, anta -, e a festa começou. Eu queria dançar e o Chico só observando. Comecei dançando com uma senhora idosa que me largou no meio da dança dizendo que comigo não dançava mais porque eu rebolava muito. E assim foi a noite inteira: eu querendo dançar e as mulheres me refugando.

No dia seguinte, de volta na estrada, o Chico me disse: "Lhé, as mulheres não gostaram muito de ti, não." Eu disse: Mas Chico, por que? E ele: "Elas estavam dizendo que tu é muito entrão. Que em vez de ficar lá fora com os homens, estava chegando na porta do quarto delas".

Eu disse: Chico, mas eu só fui lá perguntar pra Mariazinha se elas queriam ajuda para lavar a louça, que era muita. E o Chico: "Lhé, elas não gostaram disso também não". E eu: Mas Chico, a Mariazinha é uma companheira evoluída. Ela faz parte da militância. Era justo eu lavar parte da louça.

Ele me olhou de lado e disse: "Elas não gostaram de ti, não." Nessa conversa maluca ele me falou que eu estava errado, sem dizer que eu estava errado. Esse era o jeito do Chico. Ele nunca criticava ninguém diretamente. Ele sempre colocava o fato e deixava você mesmo fazer sua própria reflexão.

Fonte: "Vozes da Floresta", 1^a edição, editora Xapuri, 2008.

ESPERANÇA SOLIDÁRIA

Sabá Araújo

O que mais me lembro do Chico Mendes era o modo dele tratar as pessoas. Com ele não tinha esse negócio de rico ou pobre, todo mundo era tratado do mesmo modo. Aliás, o pobre ele considerava muito mais.

O Chico era aquele homem que tirava a colher da boca para dar pra outra pessoa, que não sabia dizer não pra outro ser humano. Uma vez a gente estava lá no Sindicato, aí chegou uma senhora já de idade querendo falar com ele.

Eu disse: O Chico está tomando café. E ela: “Eu preciso muito falar com ele.” Chamei o Chico. Ele veio com aquele copo de café doce e ralo e um pedaço de pão na mão. A mulher foi logo dizendo:

“Chico, eu não tenho onde botar água pra beber, eu tinha um pote, derrubaram o meu pote e ele quebrou.” O Chico entrou lá no Sindicato, abriu o quarto onde estavam as coisas dele, tirou um filtro dele e trouxe para aquela senhora idosa.

A mulher dele falou: “Chico, mas esse é o nosso filtro!” Ele disse: “Ilza, a gente arranja outro filtro. Essa senhora, hoje, precisa muito mais dele do que nós. Antes de sair daqui pra nossa casa, a gente consegue outro filtro.”

A primeira sede do Sindicato, o Chico resolveu fazer ali onde é o Sindicato até os dias de hoje. O terreno era da Igreja e lá fomos eu, o Júlio Barbosa e o Sabá Mari-nho falar com o Dom Moacyr. Conversamos com o bispo,

o Abraham Farhat ajudou demais, e a gente conseguiu construir essa beleza de prédio que o Sindicato tem hoje.

Uma tarde, o Chico chegou do seringal e me perguntou: “Rapaz, como é que está o negócio?” O negócio era a grana, e eu falei que andava mal, que não tinha previsão de entrar nada. Ele disse: “Vou ligar pro Abraham.” Ele ligou, os dois ficaram conversando, e o Chico: “Rapaz, cheguei hoje do seringal e aqui o negócio está ruim, a gente está aqui meio sem jeito...” Eles conversaram mais um pouco, o Chico desligou o telefone e me disse: “Rapaz, o Abraham está mandando 600 contos amanhã pelo motorista do ônibus das 11 horas.”

Era assim, o Chico Mendes não tinha ganância por dinheiro, o que era dele era nosso, nunca era dele. O Chico era uma pessoa muito alegre. Com ele não tinha tristeza. Por mais que tivesse problema, ele sempre dizia: “Rapaz, de um jeito ou de outro a gente vai resolver isso.”

E o mais incrível é que quando ele foi convidado para aquela reunião [em 1987] nos Estados Unidos, ele voou daqui do Acre sem saber nada de inglês. Do outro lado estava alguém esperando, mas quando ele chegou na Imigração foi levado para um quarto estreito, por muito tempo, onde fizeram muitas perguntas. O Chico não se lembrava de mostrar o convite.

Apareceu um intérprete que falava espanhol, perguntaram se levava dólares, ele disse que não, que levava apenas uns poucos cruzeiros, e o povo fazendo mais perguntas. Até que ele se lembrou do convite, mostrou, e aí mudou tudo, disseram que estava tudo bem, e ele entrou nos Estados Unidos.

O Chico contava isso pra gente rindo, como se não tivesse sido nada, como se tivesse sido apenas mais uma caminhada num varadouro fechado, onde pra passar a gente tinha que primeiro cortar os cipós.

O Chico dizia que, na morte dele, se fosse pra tirar um galho de flor da floresta, era para deixar o enterro sem flor, porque ele preferia as flores vivas na natureza. Hoje, ainda continua essa briga, porque ainda tem muita gente devastando e achando que é certo acabar com a floresta que o Chico Mendes lutou e morreu para defender.

Fonte: "Vozes da Floresta", 1^a edição, editora Xapuri, 2008.



COMPANHEIRO DO LULA NA FUNDAÇÃO DO PT

Raimundo Mendes de Barros



Fotos: Ricardo Stuckert/Comitê Chico Mendes

Foi na luta, junto com Chico, que compreendi a dimensão do nosso sofrimento e que era a partir da coragem de tomar posição - nos juntando a outros companheiros - que a gente ia romper com a opressão. E foi justamente isso que a gente fez.

Nós tínhamos passado pelos patrões da borracha, pelo isolamento dos benefícios do Estado, do município, da nação, e pela venda dos nossos produtos a preços que não compensavam nosso trabalho. Era um verdadeiro massacre o que acontecia com a gente.

Vivíamos como posseiros dentro das nossas próprias colocações. Enquanto tinha força para trabalhar, a gente tinha valor. Quando não tinha mais, nos des-

pediam e mandavam embora. Na época dos patrões da borracha a nossa vida foi assim.

Depois veio o latifúndio e só piorou. Nossa borracha não podia mais ser vendida por nós mesmos. A gente tinha que entregar pros comboieiros que vinham buscar o nosso produto nas nossas colocações. Tínhamos que pegar o quase nada que a gente tinha, botar nas costas, botar os filhos e a mulher no varadouro e ir embora para outro canto.

Nos anos 1970, tivemos a colaboração da Igreja Católica por meio da Teologia da Libertação, que nos motivou, nos orientou e nos deu alguns conhecimentos porque a repressão era muito forte.

A Contag veio de Brasília com o delegado João Maia e o advogado Pedro Marques, que montaram, no município de Brasiléia, o sindicato onde Chico Mendes iniciou sua militância junto com Wilson Pinheiro.

O Wilson era um cidadão pacato, de pouca fala, mas muito firme, muito leal, muito responsável. Na morte dele, a vinda do Lula ao Acre pela primeira vez nos deu grande força para expressar a nossa dor e levar a nossa voz para todo o país.

Essa ideia de trazer o PT pra cá foi coisa do Chico Mendes. Ele foi a São Paulo, encontrou-se com o Lula e veio de lá com a determinação de construir o PT. O Chico chegou de São Paulo, chamou os companheiros e disse:

“Trago novidade boa. Estive com o Lula. Ele e seus companheiros estão fundando um partido, que já tem até nome: vai ser Partido dos Trabalhadores, o nosso PT. E nós é que vamos fazer o PT aqui no Acre. É compromisso meu com o Lula.” Do jeito que o Chico apre-





Foto: Acervo Comitê Chico Mendes

sentou essa ideia, o compromisso ficou sendo de nós todos, e nós nos apaixonamos por ela.

Em 1980, Chico voltou da fundação do PT, em São Paulo, como delegado nacional do PT. Aqui, nossas reuniões eram feitas no Sindicato, local onde se falava sobre educação, renda, política, do PT e sua criação. E o mais interessante é que quem era de outro partido não se sentia alijado e tinha todo o direito de discordar da gente. E foi justamente nesse momento que o Sindicato de Xapuri foi mais fortalecido.

Na discussão, na resistência e na disposição que Chico demonstrava, os outros companheiros pegaram o exemplo dele e fortaleceram o PT e os sindicatos nos outros municípios do Acre. Contudo, tivemos muitas dificuldades para fundar o PT aqui.

Nos anos 80 ser do PT era ser comunista e o pessoal tinha um medo danado de comunista. E tinha outro agravante que era a mentalidade de que seringueiro, por ser pobre, por não ter dinheiro, não podia fazer um partido político. E a gente ainda era marcado por fazer oposição aos fazendeiros.

Nessa época o latifúndio era aliado do sistema e eles falavam que a gente era comunista, que comíamos crianças e que cultuávamos o demônio. Mas a gente pensava que se a semente fosse jogada em terra boa, por mais mirrada que fosse, ela cresceria e um dia daria bons frutos.

Foi o que aconteceu. O PT era essa sementinha marcada, mas como o terreno era forte e fértil, conseguiu crescer e atingir o tamanho de hoje.

Fonte: "Vozes da Floresta", 1^a edição, editora Xapuri, 2008.

PRESENTE EM TODAS AS LUTAS POR UM BRASIL MAIS JUSTO

Pedro Wilson Guimarães

Conheci o Chico Mendes nas lutas pela redemocratização brasileira, na defesa dos Povos da Floresta, na luta pela paz, na construção do Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS), na luta pelos Direitos Humanos, na fundação do PT e da CUT e na construção de um Brasil melhor para todos.

Conheci o Chico em São Paulo, Brasília, Goiânia, Porto Velho, Rio Branco, Brasiléia, Xapuri e no Acre de toda a sua vida. Conheci Chico Mendes pelos jornais, lutando pela defesa de indígenas, ribeirinhos, seringueiros, posseiros, trabalhadores, pescadores que saíam viver, trabalhar e preservar a terra, as matas, as águas e os bichos da Amazônia.

Falar do Chico é lembrar a luta contra a devastação da Floresta Amazônica pelos grileiros e fazendeiros, que, tendo destruído terras da Mata Atlântica, dos Pampas e do Cerrado, agora invadiam suas terras com nelores, derrubando sem dó seringueiras, castanheiras, madeiras de lei, árvores frutíferas, para colocar o capim Colonião.

O gado valia mais que o povo. Chico Mendes, com suas denúncias e empates, defesa das florestas, defesa de uma sociedade mais justa e fraterna, realizou em Brasília o encontro de gente solidária com os seringueiros. Com esse encontro, em 1985, começava uma

grande caminhada de Chico Mendes e companheiros pela Amazônia, em defesa das florestas e de seus habitantes nativos.

No encontro de Porto Velho, em 1986, denúncias e mais denúncias de desmatamentos, mercúrio nas águas do Rio Madeira; estradas ameaçavam os Tapiri, os Uru-Eu-Wau-Wau e as reservas do Rio Guaporé, do Rio Javari, do Rio Jamari e minerações nas terras indígenas. Era o tempo da Constituinte de 1987 para 1988.

Foi realizado em 1987, em Goiânia, um encontro com o nome de Semana da Paz, por causa do acidente radioativo Césio-137 que aconteceu em Goiânia com repercussão mundial. Na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG), centenas de lideranças indígenas, de seringueiros, camponeses, professores, estudantes, técnicos, igrejas, mídias, debateram sobre o acidente com o Césio-137, até hoje não resolvido, como também os desmatamentos e as queimadas.

Esses encontros de Brasília, Goiânia, Porto Velho e outros possibilitaram avanços na Constituição de 1988, o ano que não terminou para Chico Mendes. Um dia uma espingarda disparou o tiro certeiro na floresta, no coração da Amazônia.

Morria o prêmio Global 500 da ONU, e esse tiro ecoou por uma floresta de paz na guerra insensata, inconclusa, feita pelos neocolonizadores da Ameríndia.

Fonte: "Vozes da Floresta", 1^a edição, editora Xapuri, 2008.

UM PARTICIPANTE DAS CEBS, PORÉM SEM GRANDE FERVOR RELIGIOSO

Dom Moacyr Grechi

Quando conheci o Chico Mendes, ele era um participante das CEBs, porém sem grande fervor religioso. Algumas vezes ele me acompanhava nas visitas pastorais, mas o que ele queria mesmo era falar de política e de organização. Desde a primeira vez que o vi, ficou claro que ele tinha uma certa formação. Depois ele me contou como foi alfabetizado e iniciado na política por uma certa pessoa que viveu na região.

Mas, como sindicalista, era desconhecido até ser eleito secretário do STR de Brasiléia. Ele só se tornou a principal liderança depois do assassinato do Wilson Pinheiro, em 1980.

Em Xapuri, nessa época, havia três padres: José, Otávio e Cláudio. O padre José sempre foi contra ele, os padres Otávio e Cláudio eram seus amigos que favoreceram sua luta, mas ele falava igualmente com os três. O Chico foi fruto de um momento de sensibilidade ambiental pelo qual o mundo estava passando.

No começo, nem o Chico Mendes, nem ninguém falava em defesa da floresta como um todo. Nessa evolução para o aspecto ecológico, para levar o pensamento dos seringueiros às pessoas de fora da floresta, o Chico contou com o apoio da antropóloga Mary Allegretti.

A Mary contribuiu muito para que o Chico Mendes se transformasse nesse símbolo de luta pacífica em defesa da Amazônia, conhecido no mundo todo.

E pensar que o Chico Mendes tantas vezes foi me ver, foi na minha casa dizer que estava para morrer, que se sentia muito ameaçado e que tinha certeza de que não ia viver. Eu brincava com ele e dizia: Morre nada, Chico. Esses cabras não têm coragem de te pegar.

Mas ele começou a fuçar e acabou encontrando provas contra as pessoas que o ameaçavam. Um dia ele chegou lá em casa com uma carta precatória de prisão preventiva contra o Darly Alves: "Dom Moacyr, pra quem é que a gente entrega isso?" Fui com ele entregar a tal precatória para a Polícia Federal que, em vez de agir rápido, acabou demorando até que a coisa transpirou - chegou aos ouvidos do Darly - e pouco tempo depois o Chico foi assassinado.

Fonte: "Vozes da Floresta", 1^a edição, editora Xapuri, 2008.



COMPROMISSO COM A LUTA COLETIVA

Jacques Pena

Foi muito caro o preço que Chico Mendes pagou por seu compromisso com a luta coletiva: foi com sua própria vida. Conheci o Chico em São Bernardo do Campo, São Paulo, nos dias frios de agosto de 1983.

Esse encontro aconteceu durante as plenárias que culminaram no dia 28 com a criação da Central Única dos Trabalhadores (CUT). A Direção Nacional da CUT tinha um único membro efetivo do Acre: era Chico Mendes, do Sindicato dos Trabalhadores de Xapuri. O Distrito Federal tinha três representantes.

Eu era um deles, representando o Sindicato dos Bancários de Brasília. Depois, participamos juntos das reuniões, plenárias e congressos da CUT até que, em dezembro de 1988, a violência contra as lideranças dos trabalhadores rurais - denunciada na direção nacional da CUT - tirou a vida de Chico Mendes.

Infelizmente naquele tempo muitos tombaram, vítimas da intolerância e da violência. Defender a floresta e uma vida digna para seus povos há 35 anos não tinha o reconhecimento nacional e internacional que tem hoje.

As mudanças climáticas, a busca por uma vida sustentável no planeta e toda a luta de vários segmentos sociais - inclusive dos ambientalistas - fizeram da vida e morte de Chico Mendes um verdadeiro marco da nossa história recente.

Fonte: "Vozes da Floresta", 1^a edição, editora Xapuri, 2008.

AMANTE DA VIDA, DA FLORESTA E DOS POVOS QUE NELA VIVEM

Luiz Ceppi

O primeiro sentimento que tenho com relação ao Chico Mendes é o da compaixão humana. Ele tinha essa compaixão, ele tinha o desejo de reunir a todos em uma grande aliança, envolvendo toda a sociedade, para construir uma vida que não dependesse do governo, da chamada parte central do regime colonialista que existia.

Lembro-me de uma reunião lá em Rio Branco em que estava o Chico e também gente do Exército, do SNI (Serviço Nacional de Informação), do Ibama, de vários partidos políticos, seringueiros e outras entidades, e o Chico conseguiu, numa noite, fazer com que todo mundo chegassem ao mesmo pensamento - se destruirmos a floresta, destruímos as nossas vidas e, destruindo as nossas vidas, destruímos a humanidade.

O pensamento do Chico sobre a floresta não era simplesmente um conceito econômico, mas um conceito de vida. A Reserva Extrativista nasceu como uma proposta muito forte.

Nasceu para valorizar as culturas milenares dos povos indígenas e também a cultura de mais de 100 anos dos seringueiros, que tinham chegado com a ideia de desbravar e se integraram dentro dessa floresta, em uma aliança que o Chico começou e que se consolidou em 1989, pouco depois da morte dele, quando o Júlio Barbosa oficializou a Aliança dos Povos da Floresta, com a troca de símbolos entre seringueiros e indígenas.

O Chico nunca se afastou do seu povo. Quando organizou o PT, quando acompanhou as greves de São Bernardo, a redemocratização, havia uma ligação profunda entre o que ele fazia e a vida do nosso povo. O Chico sempre ficou ligado à sua família, aos seringueiros, nesse vínculo profundo entre a cidadania e a representatividade.

Quando ele voltou de Washington, não se deixou afetar. Acho que é isso que precisamos redescobrir: que a verdadeira libertação nasce na medida em que nós não ficamos iguais mas, junto com as pessoas que vivem na necessidade, conseguimos sonhar e ter esperança.

Fonte: "Vozes da Floresta", 1^a edição, editora Xapuri, 2008.



UM LÍDER SINDICAL QUE SE COMPORTAVA COMO AMBIENTALISTA

Tião Viana

Conheci o Chico Mendes em um dos muitos encontros sobre as eleições diretas, entre 1983 e 1984, no tempo do Movimento “Diretas Já”. Tive minhas primeiras conversas com ele no Jornal Varadouro e no Sindicato dos Trabalhadores Rurais, o Chico sempre com aquele olhar diferente que ele passava.

A conversa mais demorada e profunda que tive com ele foi num voo de Rio Branco para Brasília, uns dois meses antes dele morrer, quando ouvi suas preocupações com o que estava ocorrendo no Acre, com a dificuldade porque passava o extrativismo da borracha, e com as ameaças que ele próprio estava sofrendo.

O Chico apresentou a revolução do simples, da humanidade. A grandeza e a força dele estava na humildade, na simplicidade, mas com ideias capazes de chegar e tocar desde os mais simples até os maiores dirigentes do país, porque ele mostrava uma ideia de felicidade pela atitude de organizar, de resistir, de defender e de acreditar na força e na grandeza humana.

Ao erguer esse Movimento, transformando a defesa dos Povos da Floresta em uma ação de defesa do Meio Ambiente, com o respeito a todos os seres que vivem em torno de nós, o Chico nos deixou como legado a coragem para enfrentar os problemas que nos toca enfrentar, porque nós temos ao alcance das mãos as lições aprendidas de Chico Mendes.

Fonte: "Vozes da Floresta", 2^a edição, editora Xapuri, 2015.

DIRIGENTE NACIONAL DA CUT

Sebastião Neto



Foto: Acervo CUT

Desvendar Chico Mendes, o militante-revolucionário, é uma tarefa dos e das que com ele conviveram e, particularmente, uma tarefa aos e às que o viram surgir, crescer e com ele partilharam a comida, a alegria, as agruras e o medo do dia a dia.

Mas também com ele teceram a urdidura das frentes de luta populares, sindicais e políticas, adequadas à sua realidade. A fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) e as candidaturas dele pelo Partido vinham de uma organização revolucionária clandestina, o PRC.

As vitórias dos primeiros empates, a fundação dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, da Central Única dos Trabalhadores (CUT), a luta pelas Reservas Extrativistas. Quando, a partir de sua morte, as pessoas progressistas, o campo da esquerda rendeu tributo ao defensor dos Povos da Floresta, às vezes, se mencionava o Chico sindicalista.

Pouco se sabia quem era mesmo esse Chico Mendes que fora assassinado. Exceto alguns apoiadores e apoiadoras de primeira hora das lutas populares da Amazônia, de alguns militantes muito próximos e de alguns dirigentes políticos, poucos tinham noção da dimensão política de Chico Mendes fora do Acre.

O que permitiu a emergência de uma liderança como o Chico e o seu simpático e valente exército de invisíveis? Como foi possível uma liderança tão madura surgir em condições tão difíceis, onde o simples fato de se manter vivo já exigia um esforço extraordinário de cada militante? A morte transformou-o em uma lenda.

Chico Mendes tinha se tornado conhecido pelos sindicalistas da CUT quando aprovou no III CONCUT, em setembro de 1988, em Belo Horizonte, a tese “Em defesa dos Povos da Floresta”. Ele foi eleito para a direção nacional da CUT pela corrente “CUT PELA BASE”. A tese foi apresentada separadamente das tendências internas e ajudou a unificar um plenário absolutamente sectarizado.

Fonte: "Vozes da Floresta", 1^a edição, editora Xapuri, 2008.

LÍDER SINDICAL SERINGUEIRO E AMBIENTALISTA

Vicentinho

Um líder sindical seringueiro que se comportava como um ambientalista, é assim que me lembro do Chico Mendes. Tenho uma lembrança muito agradável do Chico Mendes, em São Bernardo, numa noite muito fria, durante o Congresso da CUT de 1983.

Eu observei admirado ele e o Lula tomando uma chacinha e trocando causos, ideias e sonhos. Era bonito ver os dois juntos, um operário e um seringueiro, vivendo realidades tão distintas, mas conversando noite dentro sobre como fazer para o mundo ficar melhor.

Naquela noite gelada, o Chico e o Lula estavam ali dialogando, buscando caminhos, sonhando com o fim da violência no campo. Eles falavam das mortes do Wilson Pinheiro, no Acre, e da Margarida Alves, assassinada no Nordeste.

Conversavam sobre como evitar tantas outras mortes anunciadas. A situação era difícil, mas o Chico e o Lula continuavam ali, firmes, falando de esperança.

Chico Mendes teve a capacidade de entrelaçar as lutas e fazer delas um lema de vida. O discurso do Chico Mendes não era vazio, ele trazia a prática da vida sofrida dos Povos da Floresta para o cenário nacional.

Fonte: "Vozes da Floresta", 1^a edição, editora Xapuri, 2008.

MILITANTE DO PRC E MOBILIZADOR DO PROJETO SERINGUEIRO

Júlia Feitoza Dias

No começo dos anos 1980, nós tínhamos um único objetivo - fazer a “Revolução” - e todas as nossas ações políticas eram pautadas pelo PRC (Partido Revolucionário Comunista). As greves, a partir dos operários de São Paulo, eram sinais de que conseguiríamos.

Achávamos que podíamos transformar o PT em um partido revolucionário. Aos poucos fomos percebendo na militância do PT que aquela “Revolução” estava ficando cada vez mais distante e, com o tempo, o PRC acabou se extinguindo.

Mas, uma coisa que aprendemos com o PRC, foi fazer as coisas com determinação. Essa capacidade de decisão que nós temos, de que, se tem uma tarefa para fazer, a gente faz, essa foi a boa herança que o PRC deixou nas nossas vidas.

O Chico Mendes também era do PRC. Apesar de sermos do mesmo partido, por segurança, não sabíamos quem eram os outros companheiros. Não tínhamos contato com a célula do Movimento Sindical, que era a do Chico. Sabíamos que precisávamos apoiar os sindicatos, mas quem era do partido nós não sabíamos.

Só conheci o Chico pessoalmente em 1980, quando ainda era aluna do curso de História e, junto com a Marina Silva e o Binho Marques, fomos fazer um estudo sobre as terras do Acre em Xapuri.

Ficamos mais próximos na fundação do PT e depois, em 1983 e 1984, quando cerramos fileiras em torno do Projeto Seringueiro, que tinha sido fundado por um grupo da Universidade, liderado pela Mary Allegretti, que ficou cerca de dois meses dando aula no seringal Nazaré, na colocação Rio Branco, onde o Raimundão foi aluno dela.

Mas, em seguida, o pessoal do projeto rachou e foi embora. E nós fomos convencidos pelo Chico de que tínhamos que retomar a proposta. Foi então que fundamos o Centro de Trabalhadores da Amazônia (CTA), para tocar o Projeto Seringueiro. A gente trabalhava muito, muitas vezes sem ter dinheiro.

Por exemplo, o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) construía as escolas, a Secretaria de Educação pagava as formações, mas ninguém pagava nossos salários. E quando alguém recebia alguma ajuda de custo, o dinheiro era sempre dividido entre uma, duas ou três pessoas.

Sempre foi assim: o pessoal vinha, e antes nem era professor, era monitor seguindo a terminologia e a lógica da Igreja. Os monitores vinham na maioria das vezes como voluntários, sem remuneração e dependendo muito da organização da comunidade.

Às vezes dava para dar aula quinta, sexta e sábado, outras vezes de quinze em quinze dias. Às vezes os alunos vinham uma semana por mês. E aí as pessoas que já eram alfabetizadas, que conseguiam apreender conteúdos, elas também davam aulas. Era um processo muito bacana, muito forte, de muita solidariedade.

Como usávamos o método Paulo Freire, as palavras geradoras eram luta, sindicato, adjunto. É só ver as primeiras cartilhas para observar que não precisava falar muito, que bastava usar as cartilhas. Enquanto isso, nós da Universidade, sempre díavamos um jeito de convidar o Chico, porque ele era sempre um bom palestrante.

Na história do Acre sempre teve violência, mas a situação foi ao extremo quando os “paulistas” começaram a chegar por aqui. Os seringalistas vendiam suas terras para os paulistas, que muitas vezes nem vinham aqui, mas mandavam os jagunços que, acobertados pela polícia, expulsavam os seringueiros das terras deles.

Conosco, na cidade, a pressão era mais psicológica. Eles tiravam fotos nossas, incomodavam nossas famílias, mas não chegavam a matar. Já no Sindicato, não. Era na bala mesmo. O Wilson Pinheiro estava organizando a vinda do Lula para um comício em Brasiléia. Quando o Lula chegou, na data marcada, já foi para a missa de sétimo dia do Wilson.

O Chico era uma pessoa que escrevia muito para os jornais, para os políticos, até para o Papa quando ele achava que podia ajudar. Por meio desses contatos, ele passou a viajar muito, mas ele não queria ficar fora de Xapuri naquele fim de ano, e todos nós queríamos muito que ele saísse por um tempo do Acre. Mas ele argumentava que não, que não dava para se ausentar, porque isso poderia enfraquecer a luta.

Fonte: "Vozes da Floresta", 1^a edição, editora Xapuri, 2008.

PALETÓ EMPRESTADO

João Mendes



Foto: Acervo Comitê Chico Mendes

Eu sou João Mendes e o Chico era Francisco Mendes, mas que eu saiba a gente não é parente. Mas mesmo não sendo parente, a gente teve uma convivência muito próxima. Eu conheci o Chico através de uns médicos cearenses, meus amigos, e que eram amigos dele também.

Nós tivemos uma amizade diferente, porque eu era um bancário e nunca participei diretamente de nenhuma das lutas dele, nunca fui a um empate. Mas, na época dos empates, sempre quando ele vinha na cidade ele

me visitava no Banco ou na minha casa. Às vezes ele chegava dizendo “João, vai ter uma reunião lá no Sindicato, manda alguma coisa pra gente, o que é que tu pode mandar?”

Na época em que a Lucélia Santos veio a Xapuri [em maio de 1988], ele chegou pra mim e disse: “João, rapaz, hospeda a Lucélia na tua casa, ela é uma artista famosa, dá pra ti hospedar ela?” Eu sempre ajudava com o que podia, inclusive no PT. Hoje ser petista é fácil, mas naquela época era muito difícil. O PT quando chegou aqui era coisa de seringueiro.

Um dia ele chegou lá no Banco e me disse: “João, por que é que tu não te filias ao PT?” Em 1986 eu entrei no PT, a convite dele. E quando vinham me questionar sobre essa filiação, eu dizia que eu não era do lado de nenhum partido, eu era do lado do Chico, e que se o Chico Mendes, que era uma pessoa tão boa era do PT, então, eu também era do PT.

O Chico chegou lá em casa um dia e disse. “João, eu vou pra Londres receber um prêmio.” E eu brincando: Chico, tu não sabes inglês e quer ir pra Londres? Ele disse: “Mas eu vou, tem gente me esperando lá, e eu vou.” Eu então liguei para alguns amigos, nós juntamos uma quantia e demos pra ele viajar. Sempre ele estava lá em casa, às vezes só para conversar um pouco, às vezes pra pedir alguma ajuda, nunca pra ele, sempre pro Movimento.

Fonte: "Vozes da Floresta", 2^a edição, editora Xapuri, 2015.

“O QUE O SENHOR ESTÁ TRAZENDO?”

Gomercindo Rodrigues

A partir da realização do I Encontro Nacional de Seringueiros, de 10 a 17 de outubro de 1985, em Brasília-DF, convocado pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, a luta dos seringueiros saiu de dentro da Amazônia para ganhar destaque nacional e, principalmente, internacional, em função da proposta da criação das Reservas Extrativistas, lançada em Brasília.

O CNS, recém fundado, passou a receber convites para colocar e explicar a proposta da Reserva Extrativista nos mais diferentes ambientes e em várias partes do mundo. O então presidente, Jaime Araújo, um seringueiro-poeta de Novo Aripuanã, no Estado do Amazonas, é convidado para ser professor visitante por vários meses na respeitada Universidade de Brasília (UnB).

Enquanto muita gente vinha de fora do país para conhecer in loco o trabalho de defesa da floresta realizado pelos seringueiros, em função dos riscos para o meio ambiente trazidos pelo asfaltamento da BR 364, trecho Porto Velho (RO) a Rio Branco (AC), já em virtude da devastação causada pelo asfaltamento da mesma rodovia no trecho Cuiabá - Porto Velho, os seringueiros conseguem “cavar”, com a ajuda de entidades ambientalistas internacionais, um espaço para participarem de discussões com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), responsável pelo financiamento de um terço do custo do asfaltamento.

Chico Mendes, representando o CNS, foi aos Estados Unidos, a Miami, para a Assembleia Anual do BID, a “reunião de governadores”, ou seja, participam dela os representantes de cada país sócio do BID.

Na chegada à alfândega, em Miami, o primeiro problema: Chico não sabia uma única palavra em inglês, o que dificultou a comunicação, até que deslocaram um funcionário que falava espanhol.

Começa a conversa: “Quantos dólares o Sr. está trazendo?” pergunta o funcionário. “Nenhum”, responde Chico.

O funcionário se assombra: “Como, o Sr. está vindo aos Estados Unidos e não traz nenhum dólar? O que o Sr. vem fazer aqui?”

A resposta de Chico é simples: “Venho participar de uma reunião do BID.”

“O Sr. é banqueiro?”, pergunta o funcionário. “Nem bancário,” responde Chico.

A situação estava começando a ficar difícil e, o pior, Chico pensava que a pessoa que deveria estar aguardando por ele, Steve Schwartzman, sociólogo norte-americano, talvez tivesse ido embora, pois ele já demorava mais de uma hora e meia na alfândega.

Isso preocupava, e muito, o Chico Mendes, pois, nesse caso, teria que pegar o primeiro avião de volta. Chico então lembrou que levava com ele um convite, em inglês, enviado por entidades ambientalistas, com a programação do evento. Mostrou o convite ao funcionário e, finalmente, conseguiu passar!

Fonte: "Caminhando na Floresta com Chico Mendes", editoras UFAC/Xapuri, 2015.

COMPROMISSO COM OS PRINCÍPIOS IDEOLÓGICOS

Abraham Farhat (Lhé)

Em 1984 a coisa estava feia e o PT decidiu que o Chico precisava de segurança. Sem dinheiro, foi decidido que os próprios companheiros fariam a segurança dele. Fui escalado de guarda-costas.

Um companheiro nosso que já morreu, o Hélio Pimenta, me forneceu um revólver 38, um Smith Oeste americano. Enfiei esse Smith Oeste numa capanga Kaxinawá muito bonita que eu tinha e fui rumo a Xapuri.

Um dia, estávamos na rodoviária, eu com o revólver na capanga, conversando com o Chico. Não sei se, só de cisma, achei que o pistoleiro estava vindo. Aí eu disse: Chico, eu não sou de dar tiro, não sou de matar ninguém. Pra não ter que fazer isso, é o seguinte: se a turma aparecer, eu corro pra um lado, e você corre pro outro. Assim a gente confunde eles. E a gente se encontra lá em Rio Branco. O Chico morreu de rir.

Outra coisa muito bonita do Chico, era o seu compromisso com os princípios ideológicos. Um dia eu estava em Rio Branco tentando ganhar a vida na minha loja, quando chega o Chico com uma carta convidando ele pra visitar Israel. Ele me perguntou: “Cara, tu acha o quê? Eu vou ou não?”

Se fosse hoje eu diria: Claro, Chico, vai lá e fala que você está indo a Israel porque acredita na paz. Aproveita e diga que a visita também é pra pedir que Israel re-

conheça o Estado Palestino, conforme estabelecido na Lei da Partilha da ONU, de 1947, que não foi cumprida até hoje.

Mas, naquela época, falou o sectarismo e eu disse pra ele não ir. Na carta dele agradecendo o convite para a Embaixada de Israel, em Brasília, ele explicou que tinha muito respeito pelos israelenses, mas que não iria, em respeito aos direitos do povo palestino.

O Chico não foi para Israel, mas logo depois acabou viajando para os Estados Unidos. Pedi pra ele trazer pra mim uma manta da Pan Am (Pan American World Airways), daquelas que distribuem para dormir no avião.

Ele perguntou se era proibido pegar a manta, e eu disse que não. Disse que aquilo era um brinde promocional, pra a empresa ficar conhecida. Não sei se ele acreditou ou não, mas o fato é que quando chegou de viagem ele foi lá na minha loja e disse: “Lhé, tá aqui a sua manta da Pan Am.”

Fonte: "Vozes da Floresta", 1^a edição, editora Xapuri, 2008.



UMA SABEDORIA QUE PARECIA VIR DO ALÉM

Júlio Barbosa de Aquino

Convivi muito com Chico Mendes porque nasci numa colocação que ficava a meia hora de distância da colocação onde ele morava. Cresci com Chico Mendes e sei como ele se alfabetizou. Sou consciente de que o Chico tinha uma sabedoria que parecia vir do além.

Uma coisa da qual me orgulho muito é que ele nos deixou recomendações que são princípios básicos de cada um de nós, que somos lideranças. Uma delas é a questão da responsabilidade, outra é o compromisso que você tem que ter com aquilo em que você acredita, e a terceira, é sempre pensar na união do grupo.

O Chico tinha essa questão da disciplina, da responsabilidade, do compromisso, da lealdade. Ele tinha como princípios básicos sagrados, que alguém para ser liderança, deveria possuir esses princípios. Quem conviveu com Chico, por mais que queira, às vezes, se desviar para outro caminho, só de lembrar daquela mensagem dele durante as assembleias do Sindicato, não consegue perder o rumo.

Todos temos consciência de que uma grande liderança precisa ser disciplinada, ter responsabilidade, compromisso, respeito, união com o grupo e, também, tem que ler muito para passar as informações aos companheiros. Essa é a grande mensagem que Chico deixou pra todos nós.

Fonte: "Vozes da Floresta", 1^a edição, editora Xapuri, 2008.

UM DIRIGENTE QUE GOSTAVA DE ESCREVER

Gomercindo Rodrigues

Embora não tivesse escolaridade regular, Chico Mendes gostava muito de escrever e tentava, sempre, fazer comunicados por escrito, fossem para os delegados sindicais nos seringais, fossem para autoridades. Chico Mendes escreveu vários artigos assinados que foram publicados especialmente pelos jornais “Folha do Acre” e “A Gazeta”.

Escreveu inúmeras correspondências para as autoridades (governador, superintendente da Polícia Federal, juiz da Comarca de Xapuri, secretário de Segurança Pública, entre outros) avisando que estava marcado para morrer, que havia risco concreto de ser assassinado. Não foi levado a sério.

Mas não era somente para as autoridades que Chico Mendes escrevia. Também mandava mensagens por escrito para os delegados sindicais, escreveu para entidades não-governamentais, pedindo ajuda para o movimento dos seringueiros ou denunciando as ameaças de morte.

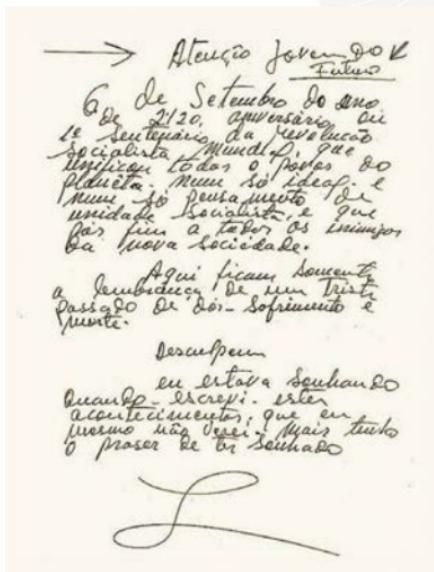
No “Ventania”, um jornalzinho mimeografado, publicado sem periodicidade definida pelo Diretório Municipal do Partido dos Trabalhadores, escrevia muitos textos, especialmente as “curtas”, pequenas notas muito lidas e comentadas, em que atacava violentamente o então prefeito municipal de Xapuri.

O próprio texto que depois se tornou a “carta-testamento” de Chico Mendes, aquele destinado ao “jovem

do futuro" foi escrito enquanto ele tentava fazer uma ligação interurbana na noite de 6 de setembro de 1988. Chico o escreveu e depois o deixou pregado com fita adesiva sobre o meu telefone.

Achei o texto fantástico e o guardei. Cometi apenas um erro, não pedi que ele o assinasse, foi uma pena, pois tenho o original do texto que não tem sua assinatura, mas sua letra é inconfundível.

O homem da floresta escrevia sempre que podia. Registrava suas reclamações por escrito. Era uma forma de mostrar que não tinha medo de assumir a responsabilidade por aquilo que denunciava. Era, também, um ato de cidadania.



Fonte: "Caminhando na Floresta com Chico Mendes", editoras UFAC/Xapuri, 2015.

O TEMPO DO CHICO MENDES ERA OUTRO!

José Genoino

Conheci o Chico Mendes no ano de 1980. Naquela época eu estava saindo do PCdoB (Partido Comunista do Brasil) e começamos a organizar uma dissidência, o (PRC) Partido Revolucionário Comunista, e eu era responsável pelo contato com o Acre, para onde fiz uma viagem marcante porque o Chico me levou para conhecer Brasiléia, para visitar o Sindicato onde o Wilson Pinheiro tinha sido morto.

Naquela primeira viagem para o Acre, quando passei a noite falando sobre a Guerrilha no Araguaia, ele disse, na bucha: “O problema do Araguaia era que vocês eram de fora e continuaram sendo de fora. Lá no Araguaia tinha seringueiro, castanheiro, mateiro, garimpeiro. Por que vocês não se juntaram com eles em vez de ficar fazendo guerrilha sozinhos? Com um povo desses vocês não podiam ter ficado isolados!” Ele percebeu na hora o erro da Guerrilha.

Argumentei que isso demorava, que levava anos. A resposta do Chico foi surpreendente: “Qual o problema? Que importância tem passar uma vida, se é para fazer a revolução, gasta tempo, ora!” Com isso quero dizer que o tempo de Chico Mendes era outro. Não era o nosso tempo. Ele dizia pra você gastar uma vida virando seringueiro. Não tinha a pressa da militância que a gente tinha.

No PT e na CUT as pessoas não conheciam nem tinham a dimensão do que era a luta dos Povos da Floresta. As relações entre capital e trabalho, o aumento do salário, o desemprego, as demissões: essa era a pauta do PT e da CUT. Então aquilo parecia muito exótico. Numa reunião, acertamos de ele pedir a palavra e colocar a tese dele em forma de moção. O Chico Mendes falando tranquilo, sereno, com simplicidade, e a CUT, sem perceber, fazendo história.

Quando fui ao Acre pela segunda vez, circulamos em Rio Branco e em Xapuri. E ele conhecia todos. Tinha uma maneira muito pessoal e simples de ser amigo de todo mundo. O Chico estava sempre alegre: ele era uma pessoa do bem, desprendido, despojado.

O que fica para mim como exemplo de vida de Chico Mendes é sua integridade pessoal, sua capacidade de se dedicar ao outro. Fico admirado de ver essa semente que Chico plantou. Ele acreditava na luta, na revolução, mas a utopia dele era outra. Absorvia tudo, mas traduzia as propostas da gente do jeito dele e para o mundo dele.

Chico defendia a selva, a seringueira e a castanheira, mas toda a base de entrada dele no debate ambiental foi a partir da defesa da floresta como um meio de sobrevivência e de subsistência para os Povos da Floresta.

A questão ambiental entrou na vida de Chico pela porta dos direitos sociais e do pessoal do Sindicato. Ele tinha uma mística da luta, do envolvimento com a luta e, principalmente, das pessoas que faziam a luta. O seu trabalho era em forma de uma organização pulverizada. Não era uma plenária, nem assembleia. Era feito com os grupos que ficavam isolados na mata, e ele fazia po-

lítica assim mesmo: visitando grupo por grupo no meio da floresta.

Um dia eu dei de presente um livro para o Chico Mendes. Era “Guerra de Guerrilhas no Brasil”, com os esquemas e as fotos da Guerrilha do Araguaia. O Chico era fascinado por esses assuntos de revolução. Ele falava que isso fazia lembrar os tempos em que ele aprendeu a ler e a conhecer sobre política com um velho comunista, o Euclides Távora, no meio da floresta.

Quando a Ilzamar ficou grávida da primeira criança, Chico e eu conversamos muito sobre a Helenira Resende, do movimento estudantil, na experiência na União Nacional dos Estudantes (UNE), e sobre como ela morreu como heroína no Araguaia.

Aí a menina nasceu e o Chico botou esse nome. De certa maneira, eu ajudei a escolher o nome daquela criança que ele amava tanto, da Elenira.

Fonte: "Vozes da Floresta", 1^a edição, editora Xapuri, 2008.



UM SER HUMANO DE EXTREMA LEVEZA

Marina Silva

Conheci o Chico quando tinha 17 anos de idade. Era uma menina muito tímida, morando num convento. Ficava ouvindo pessoas mais conservadoras dizerem que o bispo Dom Moacyr Grechi era um comunista que, junto com a Contag e “aquele tal de Chico Mendes”, estimulava as pessoas a fazer movimento contra os fazendeiros. Ouvi isso muitas vezes.

Causava-me estranheza porque eu sabia que Chico Mendes era um seringueiro e o fato de ser filha de seringueiros e ter vindo de um seringal me deixava curiosa para entender por que quem lutava contra a derrubada e a queima das casas, contra a expulsão das pessoas e contra a violência - que era muita - era considerada uma pessoa ruim, comunista e contra Deus.

Um belo dia eu estava na missa quando vi na porta da igreja um cartaz em cartolina, escrito com pincel atômico: “Curso de liderança rural da CPT, sábado e domingo, com a presença do Clodovis Boff [frade, como o irmão Leonardo Boff, um dos expoentes da Teologia da Libertação] e Chico Mendes.” Quando a missa terminou, fui até à sacristia e me inscrevi.

O curso foi no salão paroquial. Havia umas 25 pessoas, entre elas várias lideranças rurais. Eu era uma das presenças mais jovens. Frei Clodovis foi o primeiro a falar e fez uma correlação entre o sermão da montanha - a ideia de que a fé tinha que produzir frutos, senão era uma fé morta.

Depois veio o Chico Mendes. Ele relatou sobre como se faziam reuniões para organizar sindicatos e explicou como conseguia, ao mesmo tempo, ajudar a Contag a formar os sindicatos e liderar uma comunidade de base. Ele dizia, em tom de brincadeira, que fazia um trabalho de 3 em 1:

“São as mesmas pessoas. Primeiro a gente reúne todo mundo e diz: agora é a reunião da comunidade de base. Aí termina e a gente esquece tudo para começar a reunião sindical. E depois esquece de novo, e já começamos a reunião de reflexão política para pensar na criação de um partido.”

Depois do curso, perdi contato com todos da CPT, menos com o Chico. A atenção que o Chico me deu, o fato dele me alimentar com aquele mundo diferente de lutas e ideais mudou a minha trajetória de vida.

Foi através dele que, junto com o Binho [Marques], entrei no PRC. Perguntei quem eram os teóricos do partido na Amazônia, e ele respondeu: “São vários companheiros, todos muito bons”!

Pensou um pouco e continuou “tem o Marcus Barros.” O Marcus, que era professor da Ufam (Universidade Federal do Amazonas), era o intelectual que ele usava como referência para tudo. Eu conheci o Marcus por meio de Chico Mendes.

Geralmente se tem uma escuta muito intolerante e um olhar muito passageiro sobre a ansiedade e a inquietude dos jovens. Minha experiência com Chico foi uma lição nesse sentido.

O olhar dele era genuinamente interessado, paciente, cuidadoso, estimulante. A minha história, a história

do Binho - e a de tantas pessoas que conviveram com ele - mostra como o Chico respeitava os mais jovens e se preocupava o tempo todo em puxar a juventude para junto dele, na luta.

Para mim, isso demonstrava a sensibilidade de uma pessoa que vivia numa situação social e econômica muito difícil. Ele estava o tempo todo numa corda bamba de pressão e ameaças, mas era de uma extrema leveza. Acho que a forma do Chico se manter jovem era se relacionando com os jovens.

Eu sentia nele uma mistura de pai e irmão. Era paterno quando transmitia a firmeza da maturidade, dos compromissos, das responsabilidades. Era irmão porque colocava as coisas de igual para igual. Não impunha um pensamento: ele dialogava com as nossas ideias.

Tínhamos a afinidade de ser gente da floresta. Uma afinidade que nem precisava ser dita. A conversa fluía porque era o mesmo universo, a gente sabia quem a gente era, qual era a nossa raiz, o nosso lugar. Isso me ajudou muito a não desconstituir minhas raízes.

Lembro-me de quando fui fazer minha certidão de nascimento no cartório. A moça perguntou o local de nascimento, e eu respondi: seringal Bagaço. Ela insistiu para colocar Rio Branco: “Não diga que nasceu no seringal, minha filha. Isso é muito feio. As pessoas vão mangar de você”. Como eu resisti, ela acabou aceitando contrariada.

Em parte, devo isso ao Chico, que criticava os que vinham para a cidade e ficavam escondendo a origem, com vergonha de ser considerado feio, analfabeto, ignorante, mocorongo. Para ele, ser seringueiro tinha uma

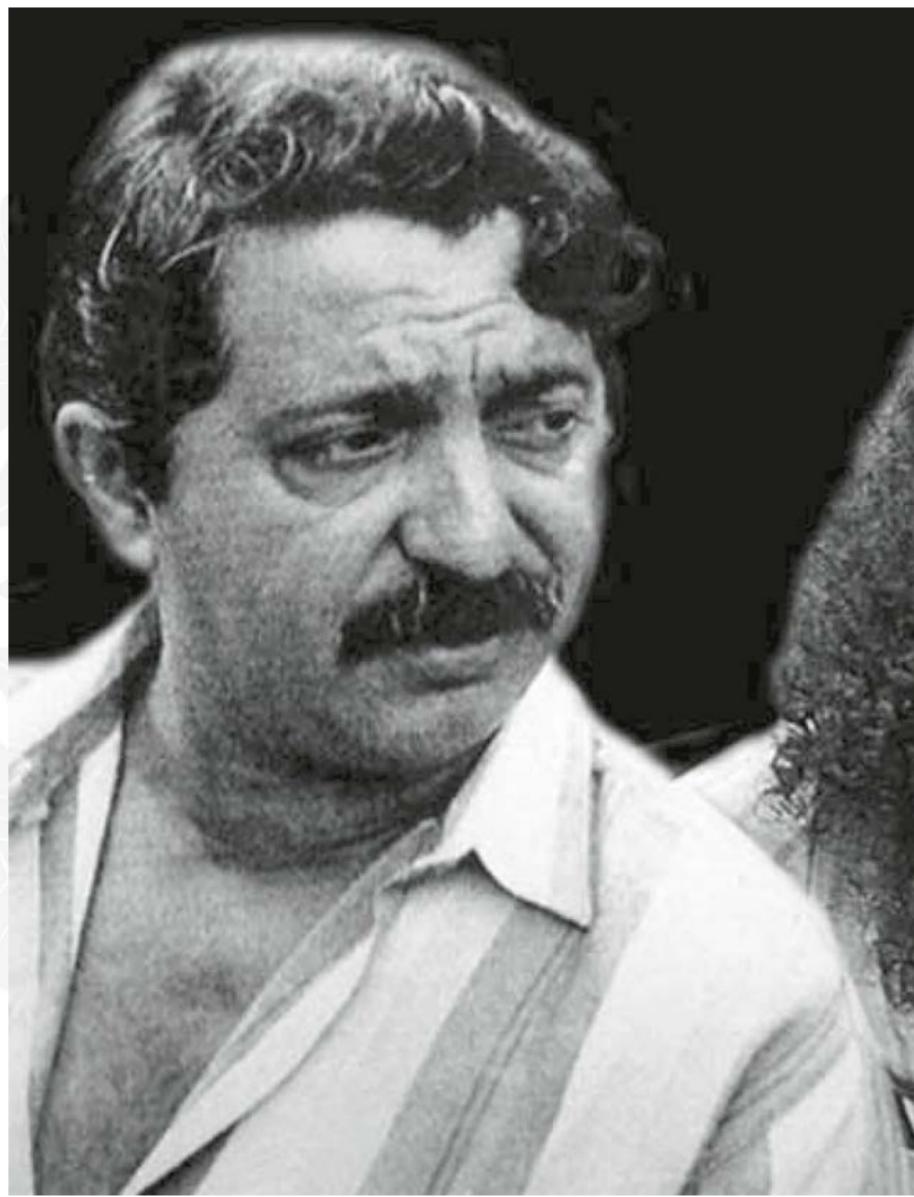




Foto: Acervo Comitê Chico Mendes

grande dignidade e isso devia ser exibido com orgulho. Para mim, o fato de uma pessoa como ele pensar assim só reforçou o sentimento que sempre tive, de nunca esconder minhas origens.

Em 1985 fizemos uma reunião para discutir candidaturas pelo PT, principalmente a candidatura do Chico a deputado estadual. Não tenho boa recordação desse momento, porque já estava claro que Chico tinha de sair candidato em 1986 por dois motivos principais: ele teria um papel importante na institucionalização das nossas causas; e, uma vez eleito, poderia contar com mais segurança, já que estava sob constantes ameaças de morte.

Achávamos que seria mais difícil matar um deputado. Decidimos sair em dobradinha. O Chico para deputado estadual e eu a federal, para a Assembleia Nacional Constituinte. Não tínhamos experiência de campanha, nem estrutura, nem dinheiro.

O Jorge Viana veio de férias da UnB, pegava o carro e a gasolina do pai dele e circulava sem parar. O Binho tinha um fusca que quase se acabou na campanha. Pichávamos muros, fazíamos cartazes criativos com o nosso slogan: “Marina e Chico Mendes: oposição pra valer!”

O programa eleitoral era feito ao vivo. Tínhamos um minuto. O Chico falava 30 segundos e eu os outros 30. Tivemos enormes dificuldades. Não dava para ir a todos os locais do estado. Chico nem foi para Cruzeiro do Sul, porque ali chegava muita difamação proveniente de Manaus, do pessoal do Gilberto Mestrinho, que pregava a distribuição de motosserras.

Diziam nas rádios que o Chico era um agitador perigoso, mas nossa campanha começou a ter uma repercussão muito boa - tanto é que o Chico quase foi eleito. Faltaram cerca de 150 votos. Eu fui a 5^a mais votada, mas o PT não fez legenda.

Uma vez chegou uma liderança de esquerda para conversar com o líder seringueiro Chico Mendes e ficou muito decepcionada! O Chico começou a contar estórias de assombração, de uma viagem que fez de noite e de repente escutou uns barulhos estranhos. Que se arrepiava todo e o mato se mexia em redemoinho. Que era o “caboclo da mata” e ele sem tabaco para aplacar a fúria do Caipora.

Conforme ele falava, a pessoa ia ficando sem graça, sem entender como um comunista, que deveria ser materialista, podia ser tão místico. Foi muito engracado!

Quando o Chico, em conversas com as pessoas de fora, entendeu que o Movimento poderia ter outra dimensão, passou a falar de uma reforma agrária específica para a Amazônia, e que o bioma não deveria repetir os modelos usados nas outras regiões.

Quando o Chico foi aos Estados Unidos, pensamos nisso só como algo que poderia beneficiar a nossa causa. Ele fez uma denúncia sobre os prejuízos à floresta e aos Povos da Floresta causados pela ação do BID Banco Interamericano de Desenvolvimento, que financiava estradas que estavam sendo construídas sem nenhum cuidado ambiental.

Depois disso, o banco mudou completamente sua metodologia. Quando voltou com o Prêmio Global 500, todo mundo ficou esperançoso de que aquele reconhecimento ajudaria a proteger a vida dele.

A ida de Chico aos Estados Unidos foi articulada pela Mary Allegretti, o ambientalista Steve Schwartzman e o cineasta Adrian Cowell. Essas pessoas tiveram uma grande importância para o Movimento e para a luta do Chico Mendes.

O Chico nunca foi uma pessoa agressiva, mesmo nas situações mais difíceis. Era como se fosse um confrontamento de mineiro: calmo, falando devagar. O Chico era muito bom para conversar, mas não era bom de palanque.

Discursava como quem conversa. Falava com as mãos, com gestos. Subia ao palanque, falava com aquele monte de gente lá embaixo. Ele gostava de contar estórias, “causos”.

No empate da fazenda Bordon, a tensão era muito grande. Fomos ele e eu falar com o “gato”, que comandava os peões. Chico, bem manso: “Sei que você não é o fazendeiro e está aqui porque também é um explorado. Então eu queria que você entendesse que isso que vocês estão fazendo não é uma coisa boa. Queria também falar para os companheiros que estão derrubando, que até um tempo desses eles estavam na colocação. Como perderam a terra, agora estão ganhando diária para poder derrubar...”

Era incrível, porque eles estavam querendo engolir o Chico e ele ali, fazendo preleção, puxando conversa com cada um.

Uma característica de Chico era ser, profundamente, uma pessoa da paz. Nunca tivemos nenhuma discussão. Nossas discordâncias sempre foram tênues. No final de 1988, uma semana antes de eu ir para São

Paulo tentar um tratamento para hepatite B, passei uns dias em Xapuri - hospedada na casa de Chico - como sempre fazia.

Hoje, quando penso nisso fico muito emocionada. Era uma relação de tanta confiança, de tanta fraternidade, que naquela casa pequena, que só tinha um quarto, ele e a Ilza me abrigavam junto à cama deles, num colchonete, perto das crianças.

Na maioria das vezes, na verdade, quem ia para o chão era o Chico, e eu ficava na cama com a Ilza e uma das crianças. Passei uns três dias naquela mesma casinha onde ele foi assassinado. Quando estava indo embora, ele me acompanhou até a rodoviária.

A gente ali conversando e ele me disse: “Nega véia, (que era como ele me tratava) acho que dessa vez não tem jeito, não.” Eu fiz um gesto de contrariedade. Mas ele continuou, muito sério: “Não tem jeito. Acho que os cabras vão me pegar.”

Saímos andando, num silêncio perturbador. Muito angustiada, tentei achar uma saída: Por que você não fala com o pessoal de Rio Branco, para fazer uma denúncia? E ele: “Não adianta. Quando faço isso eles dizem que quero me promover, me fazer de mártir. Até os jornalistas fazem piada.”

Senti uma dor muito funda, porque ele estava encarralado, sem nenhuma proteção, e desanimado. Cheguei em São Paulo e fiquei na casa de parentes do Fábio, meu marido, em Ribeirão Pires, atrás de um médico naturopata. Fiz a consulta, ele me prescreveu remédios naturais para a hepatite, saí bem animada.

Quando foi mais ou menos 10 horas da noite, fazia um frio danado, tocou o telefone. Era o Gilson, primo do Fábio. A primeira coisa que ele me disse foi: "Você fica calma." Eu respondi: Mataram o Chico Mendes?

Ele perguntou: "Como é que você sabe?" A conversa encerrou ali. Eu não tinha mais como falar nada. Não conseguimos dinheiro de imediato para comprar passagem de volta para Rio Branco. O Fábio e eu só conseguimos chegar para a missa de 7º dia.

Hoje, pensando em tudo o que aconteceu depois da morte de Chico, faz muita falta o olhar e a presença de uma pessoa que constituía processos políticos éticos e inovadores quando tudo parecia impossível.

Imaginar que um dia o Lula chegaria à Presidência da República, que o Jorge seria governador do Acre; e o Binho, que era um menino do Projeto Seringueiro, seria também governador; o Nilson Mourão, deputado federal e eu, que já seria difícil me imaginar vereadora de Rio Branco, quanto mais Senadora da República e, por duas vezes, ministra do Meio Ambiente dos governos do Presidente Lula.

Fonte: "Vozes da Floresta", 1ª edição, editora Xapuri, 2008.



UM GRANDE E FASCINANTE AMIGO

Binho Marques

Conhecer o Chico foi um dos melhores presentes da minha vida. Eu estava na Universidade, na mesma turma da Marina Silva e da Júlia Feitoza. Éramos do curso de História e trabalhávamos numa pesquisa sobre a ocupação da terra no Acre.

Quando fui apresentado ao Chico, o Wilson Pinheiro tinha sido morto havia pouco tempo e o Chico estava começando a se tornar a principal liderança do Movimento, a partir de Xapuri. Fomos entrevistá-lo e, desde aquele momento, ficamos amigos e companheiros para sempre.

Agora, 35 anos depois, o que sinto é muita saudade dele, uma saudade imensa e doída da pessoa, do amigo. Porque para mim o Chico foi um mentor, uma liderança, mas, sobretudo, foi um grande e fascinante amigo. Lembro-me do nosso primeiro contato, maravilhoso e estranho.

O Chico não tentou me impressionar com conhecimentos que não eram bem próprios dele, nem com assuntos que não fossem sobre a floresta. Ele falou de caçadas, contou causos, num processo de encantamento que ele sempre foi capaz de criar, surpreendendo a mim e a todas as pessoas que conviveram com ele, durante toda a sua vida.

Um dos causos que ele me contou foi o de uma caçada. Ele na espera. Apareceu um veado e, quando ele

mirou para acertá-lo, o veado foi crescendo, crescendo, e ficou do tamanho da árvore onde ele estava, olhando nos olhos dele, até que ele saiu correndo.

Fiquei embasbacado. Nunca tinha visto um adulto sério, liderança sindical, contando uma história daquela com a convicção de que era verdade. Eu, que era careta, quadrado, militante comunista e dogmático de esquerda, não conseguia compreender. Ele não existia nos meus manuais.

Nossa convivência ficou mais forte a partir de 1983, quando entrei no PCR (Partido Revolucionário Comunista), onde o Chico já militava. Foi aí que começamos a ter um contato contínuo. Depois da minha formatura, em 1984, fui designado pelo PRC para organizar os camaradas de Xapuri.

No começo foi muito difícil, porque eu era muito novo e limitado. Era sempre muito frustrante, um tormento, porque a resistência dos camaradas ao modelo de organização partidária do PRC era muito grande. Nada funcionava e, pra completar, o Chico sempre atropelava as deliberações do Partido.

Com o tempo, e na convivência, a duras penas, fui aprendendo. Eu achava que sabia muito e que podia ensinar alguém. Mas foi com o Chico e em Xapuri que comecei a aprender muitas coisas sobre a vida.

Em 1986, ele me convidou para coordenar o Projeto Seringueiro. Por conta da minha atuação no Projeto, nossa relação se estreitou profundamente. Em 1985, fiquei em Xapuri direto, ajudando na campanha dele para prefeito. Foi aí que pude conhecer melhor o Chico, a maneira dele se relacionar.

Pude entender como ele conseguia mobilizar as pessoas e ser realmente uma liderança. Descobri que o Chico era, de fato, uma liderança completamente diferente das lideranças tradicionais que eu conhecia. Uma liderança que não tinha um discurso empolgante, que não tinha uma oratória forte, que, na nossa linguagem, não fazia fita, não fazia firula.

Ele era complexo, mas não era complicado. Ele conseguia fazer o mais difícil: ser simples. O Chico Mendes era simples e humilde, completamente desapegado de bens, de riqueza, de tudo. Era um socialista, totalmente ligado à sua causa. Ele acreditava num mundo novo, num mundo justo.

Esse era o princípio norteador da sua ação por sua vida inteira. O movimento ecológico, o meio ambiente, isso foi natural. Na verdade, foi resultado da vida dele como seringueiro, de seu conhecimento com a natureza. E isso nunca veio como discurso. Era a prática da vida, assim era a relação dele com a natureza.

Assim acontece com os indígenas. Assim acontece com os seringueiros. Chico depois descobriu que o que já estava dentro dele era uma bandeira, uma bandeira internacional. Ele soube muito bem fazer uma interessante relação entre a causa ambiental e seus princípios. Ele juntou sua vivência de seringueiro com sua opção de vida, que era a causa dos mais fracos.

O Chico teve muita dificuldade para colocar suas ideias dentro do PT e da CUT. A sua causa não era a causa operária, não era a causa dos trabalhadores do modelo sindical brasileiro. Lembro quando ele conseguiu, finalmente, emplacar uma tese no Congresso da CUT, em

1988, defendendo uma reforma agrária específica e diferente para a Amazônia. Foi o grande começo. Foi o início das mudanças.

O Chico tinha percebido que a nossa luta carregando bandeiras de outras militâncias não combinava com o nosso jeito de ser, com o nosso modo de vida. E assim foi nascendo, gradativamente, o movimento que se tornou esse novo movimento socioambiental, que ganhou o mundo e que baliza todo o nosso trabalho.

Um ideal que depois o PT, a CUT e os movimentos sociais brasileiros passaram a apoiar. O Chico tinha uma rara inteligência, uma capacidade superior à de todos para escutar. Antes de entabular uma conversa com um desconhecido, ele primeiro arrancava a essência daquela pessoa.

Ele tinha um jeito moleque de introduzir a conversa, de ficar enrolando, de puxar o fio do novelo até conhecer a pessoa com quem ele estava conversando. Porque a conversa com o Chico era sempre diálogo. Ele nunca foi adepto do monólogo, nunca falava sem saber o que a pessoa tinha interesse em ouvir e nunca perdia a oportunidade de aprender numa conversa.

Por isso o Chico não era só extremamente inteligente. Ele era, de fato, o intelectual do Movimento. Muita gente não acredita nisso. Converso com pessoas que acham que endeusamos o Chico por uma necessidade de militância, que transformamos o Chico num herói para fortalecer a nossa luta.

Nós seguimos dizendo que o Chico não era uma pessoa do outro mundo, uma pessoa que se colocava acima dos outros. A liderança dele vinha da sua capacidade de

se colocar como todo mundo. Ele estava sempre ao lado das pessoas e não estava acima de ninguém. Este era seu maior mérito. Essa era a força da sua liderança. E a inteligência dele também era inequívoca.

Chico Mendes construiu um Movimento. Ele nos liderou e tinha autoridade sobre nós. Em nenhum momento, nem eu, com toda a minha arrogância de estudante; nem a Marina, nem a Júlia, nenhum de nós tinha poderes sobre ele. A autoridade era dele. A liderança do Movimento era dele. E por mais que eu particularmente resistisse à maneira dele de resolver as coisas, acabei me curvando ao modo Chico Mendes de ser.

Com o Chico, tivemos a oportunidade de construir uma espécie de governo paralelo, porque na época os serviços públicos eram para muito poucos. Pessoalmente, essa foi a maior experiência que vivi e da qual participei, numa época em que não existia governo para os mais pobres. Na Amazônia, se os pobres não tinham governo nem nos centros urbanos, imagina o que chegava no interior da floresta, especialmente para os índios e os seringueiros.

Começamos então a construir alternativas de escola, de saúde, de economia, onde não tinha nada. Foi um grande aprendizado que carrego até hoje. Aprender a fazer muito com pouco é uma lição que não se aprende na escola. Aliás, construímos escolas no braço, com a força das comunidades.

Conseguimos transformar em professor aquele que mal sabia ler. Conseguimos alfabetizar muita gente, e hoje esse capital humano e social que temos em Xapuri foi construído a partir da experiência de trabalho do Movimento Social liderado pelo Chico.

Quando o Chico morreu, eu estava praticamente brigado com ele. Eu não conseguia entender a maneira como ele conduzia as coisas. Na realidade, nem todos os ensinamentos eu aprendi com o Chico ainda vivo. Aprendi muito com Chico depois de sua morte. As fichas foram caindo aos poucos. Uma parte eu aprendi durante a convivência com ele, mas a outra eu fui descobrindo de maneira muito difícil de explicar. Fui descobrindo no dia a dia, com a presença (ausente) dele.

Descobri, principalmente, que os problemas mais difíceis exigem as soluções mais simples. Acho que os ensinamentos do Chico continuam muito atuais. Isso não significa persistir num movimento como aquele que tivemos. Significa insistir na ideia de não seguir nenhum modelo acabado.

Significa reconhecer que, assim como Chico Mendes sonhou um dia, entre nós existem muitos Chicos. Todos com a mesma capacidade, que por vezes não enxergamos. Tem muita liderança por aí pronta para assumir novas e desafiadoras responsabilidades. Talvez tenhamos que confiar mais e fazer novas apostas.

Fonte: "Vozes da Floresta", 1^a edição, editora Xapuri, 2008.

UMA LUTA MONUMENTAL E PERIGOSA

Elson Martins

A luta de Chico Mendes foi monumental e perigosa. Nos anos 1970 e 1980 espalhou-se uma energia ruim no Acre inteiro. A sociedade extrativista se contorcia de dor, mas quase ninguém se importava. As vantagens, os direitos, as leis, as oportunidades oferecidas pelo regime militar excluíam o pioneirismo e a tradição da terra amazônica.

As motosserras roncavam na floresta e o fogo seguia atrás, queimando a paisagem. Quem mais se preocupava com o futuro da tradição extrativista eram os invisíveis, os subletrados da floresta, como Chico Mendes. Foram eles que reagiram com os empates e trouxeram o conflito para a cidade.

A UFAC (Universidade Federal do Acre), cujo perfil foi objeto de estudo do especialista Oswaldo Sevá, professor da Unicamp, concluíram que a instituição era “tranquila demais para a sociedade efervescente que a cercava”. O reitor Áulio Gélio recebia recados desaforados dos coronéis da ditadura, morria de medo deles, mas metia medo nos professores e alunos.

Àquela altura, Chico já era um experiente palestrante e tinha formado uma boa lista de aliados, incluindo a antropóloga Mary Allegretti, que o conhecia desde 1978 e não o largou mais, o antropólogo Steve Schwartzman, com estudos realizados na Amazônia, e

Adrian Cowell, cineasta britânico que acabou realizando o melhor filme documentário sobre Chico Mendes, “I Want to Live”.

A imprensa do Acre, na década de 1970, se submetia às normas do regime militar. Havia um único jornal diário circulando na capital, “O Rio Branco”, da rede dos Diários Associados de Assis Chateaubriand. A TV Acre, afiliada da Rede Globo e as emissoras Rádio Difusora, do estado, e Novo Andirá, do ex-governador Wanderley Dantas (1971-1974), apoiavam a ideia de “bovinização” dos seringais.

Os conflitos no Acre passaram a ser divulgados quando os jornais O Estado de S. Paulo e Jornal do Brasil estabeleceram correspondentes com atuação no estado, a partir de 1975. Dois anos depois, em 1977, começou a circular o jornal alternativo “Varadouro”, com o slogan “Jornal das Selvas”, tendo Elson Martins (Estadão) e Silvio Martinello (JB) como fundadores.

As 6 primeiras edições foram pagas com um empréstimo obtido com o bispo Dom Moacyr Grechi, que antes tratava com limitações os conflitos no jornalzinho mimeografado “Nós, Irmãos”. O que acontecia no Acre tinha algo de incomparável com o conhecido em outras regiões. A insatisfação com a ditadura era comum, mas se distinguia no discurso e nas formas de resistência.

O que Chico Mendes trazia da floresta era novo para os que lutavam na cidade. Tinha menos código, mais transparência. Chico contemplava as alianças consideradas impossíveis. Afinal, antes da criação do PT, tinha sido eleito vereador pelo MDB em Xapuri com o apoio declarado de seu patrão, um seringalista.

A luta dos seringueiros em defesa da floresta e de todo o ambiente ganhava aos poucos a simpatia dos seringalistas que não queriam ver a mata no chão. Chico soube cercar-se e aprender lições de pesquisadores, ambientalistas, cientistas políticos, lideranças dos sindicatos, partidos de esquerda, mas, sobretudo, utilizar a imprensa.

Com genialidade, ele queria tornar a luta dos seringueiros e indígenas do Acre em uma luta planetária. Ele chamou a atenção para o valor da floresta e das populações tradicionais, para suas culturas, seus sentimentos, suas crenças.

A partir de março de 1989, meses após ser assassinado, foram criadas as Reservas Extrativistas onde os seringueiros permaneceram em suas colocações sem mais ameaças. A proposta tornou-se modelo de reforma agrária para a Amazônia e outras regiões do país.

Hoje os Povos da Floresta são libertos e defendem o desenvolvimento sustentável com base na exploração racional da biodiversidade amazônica. No Acre, mais de 50% das terras estão protegidas por Unidades de Conservação e todas as Terras Indígenas foram demarcadas. No total, o estado tem cerca de 80% de floresta em pé.

Os povos indígenas, os ribeirinhos e os seringueiros não são mais tão miseráveis quanto antes. Os extrativistas, agora monitorados pelo ICMBio (Instituto Chico Mendes da Biodiversidade), já contam com alguma ciência e tecnologia para explorar os recursos da floresta. Mas não desapareceu a tentação da pecuária e do agro-negócio, o que leva a pensar em novos empates.

A antropóloga Mary Allegretti diz que Chico Mendes foi a primeira pessoa a afirmar que a floresta vale mais em pé do que desmatada. Os cientistas teriam levado mais tempo para ter certeza disso. O diretor do Museu da Amazônia (MUSA) em Manaus, o físico e biólogo Ennio Candotti [1942-2023], concorda que a maior riqueza da região é revelada pela pesquisa dos microrganismos a partir das plantas encontradas nela.

Em tempos desfavoráveis, de ditadura militar e de pouco caso com a Amazônia, ele, fora dos padrões da intelectualidade, falando e escrevendo com pouca instrução, foi se revelando revolucionário, universal e amoroso, capaz de enfrentar agressores insanos e de ensinar seus companheiros a lutar por uma vida simples e natural.

Chico Mendes falou, escreveu, viajou, gritou para o mundo em defesa do meio ambiente. E encheu de lágrimas e orgulho os olhos desamparados da Amazônia.

Fonte: "Vozes da Floresta", 1^a edição, editora Xapuri, 2008.



NOME NO LIVRO DE HERÓIS DA PÁTRIA

Aníbal Diniz

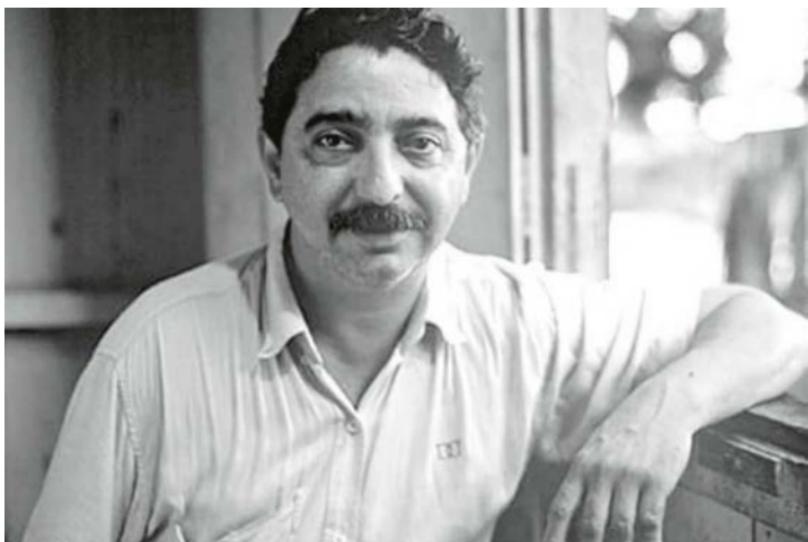


Foto: Acervo Comitê Chico Mendes

Francisco Alves Mendes Filho foi um grão de trigo lançado ao solo que multiplicou-se em ideais de sustentabilidade, com uma importância cada vez maior em todo o planeta.

Chico Mendes foi um homem simples que viveu e pensou para muito além do seu tempo. Hoje, 35 anos depois de seu brutal assassinato, é possível olhar à nossa volta e confirmar que sua morte não foi em vão.

A defesa da floresta - e dos povos que nela habitam - está presente nas leis, nas instituições e na consciência das muitas pessoas cada vez mais comprometidas

com a luta socioambiental pela sustentabilidade. É por isso que Chico Mendes é um homem singular.

Ele resistiu, liderou empates, denunciou atrocidades de jagunços contra posseiros e levou ao conhecimento da opinião pública mundial que a Amazônia corria o risco de ser destruída pelas motosserras. Por essa luta, Chico Mendes ganhou vários prêmios internacionais, como o Prêmio Global 500 da ONU.

Estive com Chico Mendes e cheguei a ser pautado por ele algumas vezes. Na década de 1980, na casa do bairro da Bahia, no aparelho trotskista que o Antonio Manoel montou para reuniões de militantes e para abrigo de companheiros do interior que vinham para os encontros do PT, partilhei um frango com batatas preparado por ele. Pena que sua estada em nosso meio tenha sido tão curta.

Hoje, Chico Mendes é reconhecido pela ONU como uma das grandes personalidades pacifistas da história, ao lado de Martin Luther King, Mahatma Gandhi e Nelson Mandela, com homenagens póstumas em várias cidades do mundo.

A bravura deste grande brasileiro, educador, seringueiro, sindicalista, ambientalista e fundador do Partido dos Trabalhadores, permitiu que a saga iniciada no Acre ganhasse o mundo.

A então senadora da República e hoje ministra Marina Silva fez justiça ao incluir, em 22 de setembro de 2004, pela Lei 10.952, o nome do seringueiro Francisco Alves Mendes Filho, o Chico Mendes, no “Livro dos Heróis da Pátria”, que se encontra no Panteão da Liberdade e da Democracia, em Brasília.

Fonte: "Vozes da Floresta", 1^a edição, editora Xapuri, 2008.

CHICO MENDES HERÓI DO BRASIL

Luiz Inácio Lula da Silva



Foto: PT Nacional

Chico talvez nem soubesse o que queria dizer ecológia e muito menos holocausto ecológico quando começou sua romaria pela floresta, para organizar a peãozada dos seringueiros.

Primeiro, no Sindicato dos Trabalhadores Rurais e, mais tarde, para criar o PT. Nessas caminhadas pela mata, ele acabou juntando em uma só bandeira a luta ecológica, a luta sindical e a luta partidária, porque sabia que elas são indissociáveis - uma alimenta a outra no mesmo ciclo da vida na floresta.

E, feito inimaginável naquele tempo, para defender as mesmas lutas, sob a mesma bandeira, Chico liderou a união de indígenas, ribeirinhos e seringueiros na grande Aliança dos Povos da Floresta.

Quando estive em Xapuri, no Acre, para ajudar na campanha do Chico a prefeito, em 1985, a barra já estava pesando. Os fazendeiros do Centro-Sul do Brasil, que tinham invadido a região, não escondiam de ninguém que Chico Mendes estava marcado para morrer.

Logo o Chico, que foi um dos mais apaixonados defensores da vida que já conheci, homem tão puro e tão limpo como a água da chuva da mata, sua companheira inseparável. É em memória de todos os companheiros e companheiras que, como o Chico, tombaram em defesa da terra, da floresta e da vida, que seguimos lutando para implantar no Brasil as políticas públicas sonhadas por Chico Mendes.

Políticas públicas voltadas para a construção de um modelo de desenvolvimento capaz de gerar riquezas para o país e para os Povos da Floresta e, ao mesmo tempo, preservar a nossa Amazônia para as gerações presentes e futuras. Lá num cantinho do céu, o Chico hoje deve estar feliz por saber que, nesses últimos 20 anos, nem nós esmorecemos, nem seu trabalho deixou de ser multiplicado por esse nosso Brasil afora.

Nós hoje temos uma Amazônia melhor e um Brasil melhor. Como companheiro, celebro as vitórias alcançadas por todos e por todas nós, a partir dos empates de Xapuri. Como brasileiro, celebro Chico Mendes, herói do Brasil, por continuar servindo de norte para a nossa luta por dias melhores para todos e todas nós, especialmente para os Povos da Floresta.

Luiz Inácio Lula da Silva
Presidência da República
Brasília - Distrito Federal
Primavera de 2008

Fonte: "Vozes da Floresta", 1^a edição, editora Xapuri, 2008.

SENADO FEDERAL
SECRETARIA DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÕES

Rafael André Vaz Chervenski
DIRETOR

Luiz Carlos da Costa
COORDENADOR-GERAL

Ricardo Abril Marinho
ASSESSOR TÉCNICO

Rodrigo César de Melo Barbosa
GESTOR DE ATENDIMENTO

Tatiana Nassif Derze
COORDENADORA DE PRÉ-IMPRESSÃO

André Said de Lavor
COORDENADOR DE IMPRESSÃO

André Luiz Rodrigues Santana
COORDENADOR DE ACABAMENTO E EXPEDIÇÃO

Aloysio de Britto Vieira
COORDENADOR DE EDIÇÕES TÉCNICAS

Márcio de Holanda Meireles Viana
GESTOR DE PRODUÇÃO

A questão da Amazônia consiste na defesa dos Povos da Floresta. Consideramos a questão da Amazônia um problema sério, que não passa mais, hoje, pelo discurso, e sim pela prática que temos que desenvolver daqui pra frente. A Amazônia está ocupada. Em todos os recantos há indígenas, há gente trabalhando, tirando borracha e, ao mesmo tempo, lutando pela conservação da natureza. Queremos propiciar uma política que garanta o futuro desses trabalhadores [e dessas trabalhadoras], que há séculos vivem na Amazônia e a tornam produtiva ao mesmo tempo. Enquanto existirem índios e seringueiros na selva amazônica, há esperança de salvá-la. Esperamos que as pessoas que lutam em defesa da Amazônia possam realizar um trabalho que, de fato, consiga trazer uma esperança. Acredito que cada um [e cada uma] de nós tem uma missão e um compromisso muito importante em relação à defesa desta região. Essa luta não é só dos trabalhadores [e das trabalhadoras]: ela é de toda a sociedade brasileira.

Chico Mendes

PARCERIA



EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Até meados do século 19, nos mapas antigos, o Acre era chamado de “terras não descobertas”, mas ocupadas por indígenas, bichos e solitários aventureiros. Eram terras bolivianas e peruanas resultantes da partilha entre impérios da Espanha e Portugal. Segundo o escritor de origem paraense, Abguar Bastos, foram os nordestinos-acreanos que, após a batalha da borracha na segunda metade daquele século, puderam dizer ao mundo: “Eis que demos um destino a esta solidão [...] O nordestino e o Acre eram dois destinos ainda sem comunicação com a vida: o primeiro à procura de uma terra que o recebesse, o segundo à procura dum povo que a tomasse. Um carregado de filhos. Outro carregado de rios”. O novo e áspero mundo que aguardava os nordestinos, apesar de desconhecido por dentro, estava desenhado por fora, pelo capital internacional. Fora dividido em seringais para produzir borracha para a Europa vitoriana.

Chico Mendes é, no Brasil, o Patrono Nacional do Meio Ambiente. Portanto, nada mais justo do que destacar, na COP 30, a memória e o legado do maior ambientalista brasileiro de todos os tempos. Esta coletânea, “Chico Mendes na COP 30”, contribui com este objetivo. São livros simples, organizados a partir de depoimentos e textos escritos por companheiros e companheiras de Chico Mendes, ao longo do tempo. Que sua leitura possa envolver corações e mentes com a paz planetária um dia sonhada por Chico Mendes.



9 786556 766690



Encontre este livro gratuitamente em formato digital acessando: livraria.senado.leg.br

SENADO FEDERAL

